JAYME DE BALSEMÃO

ALGUNS ALFACINHAS (FARÇAS BREVES)

1925

IMPRENSA LIBANIO DA SILVA
Travessa do Falla-Só, 24
LISBOA

ALGUNS ALFACINHAS

DO MESMO AUCTOR:

São Sabino, o Senhor Pakuba e A boa Matrona.
Memorias sem fim d'um homem sem nome.

A SEGUIR:

Santa Maria da Humanidade.

JAYME DE BALSEMÃO

ALGUNS ALFACINHAS
(FARÇAS BREVES)

1925

IMPRENSA LIBANIO DA SILVA
Travessa do Falla-Só, 24
LISBOA

TIRAGEM DE MIL EXEMPLARES NUMERADOS

539

Muito vence quem se vence;
Muito diz quem não diz tudo;
Pois ao discreto pertence
A tempo fazer-se mudo.

(Quadra antiga)

UM DIA

UM DIA

ERAM já 10 da manhã quando acordei; os meus visinhos de cima não davam signal de vida. Comtudo, essa familia alegre e barulhenta começava sempre a expandir-se com as aves e com os vendilhões.

Em vez de me regosijar com tal paz ínesperada e gostosa, pensei n'uma calamidade, e, perguntei alarmado porque não se barulhava costumadamente. O bem imprevisto é tão assustador como o mal, e, o habito é a fusão desses dois extremos. Um doente nem sempre melhora porque o julgue, affaz-se á sua doença.

Informaram-me então que esse dia signifi-

cava sete annos do passamento lamentavel d'um tio illustre; conceituadissimo empregado dos caminhos de ferro, muito habilidóso em desenhar monogrammas, e, que morrera quando ministro da marinha, afogado na Lagôa d'Obidos, por não saber nadar, durante uma merenda.

A senhora tivera portanto sustado todo o regosíjo n'esse dia piedoso; era apenas uma suspensão; no dia seguinte podia-se foliar. Fiquei tranquillo.

Logo ao transpor a minha porta encontrei um velho amigo a quem effusivamente apèrtei a sua mão enérgica. Abraçámo-nos com essa bemquerença mutua de dois homens que d'esde longa data s'encontram mais uma vez na vida; é o prazer de saberem que ainda vivem.

Mas, eis-me em presença d'esse bom amigo, que mais uma vez me offerece a sua dedicação. Encontro-o agastadiço. Sentia-se doente. Eu tambem estivera doente. Trocámos impressões sobre os nossos rheumaticos. Elle descreve-me pichozamente todas as suas dores;

eu egualmente, minuciosamente, descrevo as minhas.

Ora o meu bom amigo que não tivera tido as suas proprias tybias poupadas, pergunta-me se egualmente alli o mal me accommettera. Como lhe dissesse que não elle insiste, insulta a minha memoria, torna-se birrento:

— Homem, é impossivel que não tivesses sentido dores nas tybias. Não acredito; pois se tu tiveste como eu, um attaque de gôta geral!

Corajosamente e verdadeiramente insisti mais uma vez; pedi-lhe desculpa; disse-lhe que não.

Emfim, foi quasi uma bulha. Chamou-me birbante e velhaco, espirito de contradicção. Sobre esse acontecimento separámo-nos.

Lisboa estava cheia de sol. Havia janellas com tapetes pendurados. As ruas formigavam de trafico e de gente. Homens ociosos, pelas esquinas, escabichando a braguilha e cuspindo, discutiam aos berros. Passavam creadas vindas do mercado, com os cestos pejados. Passavam bandos de moçoilos para os lyceus,

malcreados, contendendo com quem passava. Passavam tambem estudantes de capa e batina, de gestos inqualificaveis, como que, se a simples acção d'estudar seja o que for, ou fazer seja o que for careça dum fato especial que o demonstre.

Um sino tocava brandamente para a missa. Em frente da porta do templo, vasta, e onde um mendigo dormitava dois padres discutiam, no passeio, em voz alta; tinham pastas debaixo do braço. Um d'elles batia furiosamente com a mão n'uma factura. Entrei n'um barbeiro; tomei assento; o official começou. Ao lado, o meu vizinho dava a mão a uma mulher de roupeta branca que lhe esgravatava as unhas. Um homem rapava-lhe a face; tinha uma toalha na cabeça, em forma de turbante, que fumegava; dava um pé ao engraxador. Depois sahiu e pagou espantosamente.

A voz do patrão pausada e sabichona erguia-se e commentava a pessima tactica d'um general hespanhol que dirigia operações guerreiras em Marrocos.

E, emquanto batia energicamente a sua

navalha sobre o assentador, fulminava de critica rija o inhabil milítar. Houve comtudo protestos; formaram-se partidos. Sahi medrosamente, depois de ter soffrido as torturas da consequencia nas mãos agitadas colericas e armadas do homem que me barbeára. Este de vez em quando invocava a minha perfeíta communhão de ideias, n'uma attitude de ou crês ou morres. A mínha gorgeta foi avultada e merecida, ao sentir a minha pelle liberta e integra de golpes.

Segui pelas ruas novamente. Passou um casamento; muitos trens; o dos noivos semelhava um aquario volante; havia senhoras com fatos novos, homens empertigados, com ar de domingo; cheirava a naphtalina.

*

* *

Bati a uma porta. Era convidado para almoçar. Cheguei tarde; na sala havia já muita gente. Fizeram-se apresentações; vieram aperitivos. Era um almoço litterario.

Uma senhora integralista, com muitos nomes, rebarbadiça, começou logo fallando commigo; tinha um broche de mosaico com os trez pombos de Plinio. Essa senhora supportava com dignidade o seu passado politico e martyr; era uma maravilhosa. Não condescendia; affirmava-o sempre cinco vezes d'um jacto. Tivera conhecido o Rei em Cascais; mergulhára com elle na mesma agua honrosa, porque estava a banhos, com bata, sapatos e touca de oleado. Então, d'esde esse dia a sua amizade e a sua dedicação vincularam-se no seu peito de raça. Quando sahiu da agua, enxarcada, como uma viuva salva d'um naufragio, a sua decisão estava tomada. Fez-se moralista e patrocinou obras de caridade. Nos corpos docentes dos asylos a que pertencia a sua palavra educativa era sempre convencedora; a sua bondade ia ao ponto d'admittir em sua propria casa creadas gratis que muito aproveitavam na vida com o salutar ambiente.

Quando o Rei foi para o exilio lamentou-se angustiosamente, e, n'um desejo d'egualmente

soffrer, acalentou logo um ideal: ser presa. Começou por trazer medalhas com corôas, dependuradas; fitas de côres monarchicas.

Um dia, durante uma reunião de livres pensadores que queriam lançar uma primeira pedra para um monumento, consagrádo á alma d'uma victima dos padres, começou a dar vivas subversivos; prenderam-na.

Teve impressões digitaes e exames antropometricos. Filas de senhoras, tambem com muitos nomes, foram visital-a, levar-lhe flores, pizando-se os calcanhares umas ás outras. Não creou comtudo bolôr no seu carcere; pouco tempo depois voltava á liberdade. Quiz ainda ser presa outra vez, mas os policias que a conheciam, fugiam d'ella, e, deixaram-na exaltar-se em paz.

Um senhorito com ademães e voz de castrado, fallava de Paris. Dizia que se morria de tédio em Lisboa. Fallava sempre com muitas palavras francezas. Tinha livros, a cara pintada, e, dizia constantemente «eu adoro», «é um amor», «que é feito de si?». Conversava com uma menina poetisa, que

fizera o seu primeiro livro aos doze annos e tinha uma média de quatro sonetos por dia. Esta menina tínha lido tudo e sabia tudo.

A dona da casa, que era tambem poetisa e nervosa, discutia Pirandello com varias pessoas:

— Que encanto o theatro de Pirandello! Que emoção! Que novidade! Como as almas são por elle reveladas! Fóge de tudo quanto é velho! Que theatro!

Eu ousei dizer:

— Minha apreciavel senhora. Tudo que é posto em execução pela intelligencia do homem; tudo que essa intelligencia possa fabricar deve ter uma razão de ser. Ora qual é a razão de ser do theatro de Pirandello?

O senhorito acudiu logo:

— Oh! Mas nenhuma, e é por isso mesmo que é admiravel; oh! a incoherencia!

Eu disse ainda:

— Mas meu senhor, a verdadeira missão do theatro é distrair, divertir, suavisar gentilmente durante algumas horas as realidades

inesqueciveis da vida. Esse theatro poderá ser educativo, mas divertidamente educativo, como Moliére. E' chufando os basbaques que estes podem ser corrigidos, porque a verdade que toda a intelligencia conhece, de nada serve ser gritada; era já pertença d'essa intelligencia; quanto aos bajoujos e aos balónios, de nada serve, porque a sua imbecillidade é impenetravel. «Uma verdade para cada um», é apenas uma pobre verdade para quem tenha verdade. Ora quem tenha verdade se se não reforma é porque não pode ou porque não quere. O conceito das peças d'Ibsen só foi percebido por aquelles que o admittiam já antes de o ouvirem; para esses foi apenas uma repetição fatigante. Todo aquelle que possue noção, sabe antecipadamente o que seja uma tuberculose. Um pobre enfermo que s'esvae sob os estragos da doença aos nossos olhos, não é um conceito, não é uma receita, não é um aviso, é apenas para nós uma angustia presente.

O senhorito que se chamava Laurindo Delido de Pires, não se cançava ainda de louvar

o italiano celebre. E de facto, esse auctor que nunca escreveu theatro para ser representado, marca com acerto uma phase inédita nos nossos tempos.

Ninguem até hoje, d'uma maneira notavel e louvavel, se tivera lembrado de dizer que somos todos comicamente ridiculos; todos inconsequentes nas nossas criticas; todos pusilanimes e enganadores. Como ninguem até hoje se tivera lembrado, a não ser La Palisse, de dizer que, o homem que s'expõe ao sol — podendo estar á sombra — é porque decididamente, por alguma razão occulta deve ou quere estar ao sol.

Dizer por exemplo, que um homem ama uma mulher, simplesmente, é velho e condemnavel, mas, dizer que elle ama essa mulher, pelo seu unico egoismo, acabando finalmente por demonstrar que ninguem ama, e, até que ninguem vive, é muito mais fóra do vulgar.

Conseguir reter um espectador, amestrado, n'um theatro de Lisboa, com os joelhos ao pé da bocca, para dizer que o amor é uma

coacção, a amizade uma conivencia, a bondade uma permuta, é muito apreciavel.

Um philosopho geometra, metaphysico e algebrico, consegue até demonstrar magnifimente que um homem que ande se não move. Emfim é a arte tornada sciencia.

E' talvez uma verdade tardiamente demonstrada, mas, que não impediu que o cansaço tivesse existido desde o começo do mundo, e, que até cançadamente um atrazado conviva não chegasse.

Era um intellectual, poeta e auctor de aphorismos soberbos. A lógica e a poética abrigadas n'uma pessoa com cabello, com bígode, e, com um berloque d'agatha com um cacho d'uvas d'oiro.

A dona da casa que era decadente, tomava com tortura, d'uma caixa antíga de rapé, pitadinhas d'assucar, para fingir cocaina, e, impoz logo silencio. O intellectual então recitou versos cheios de «algidas innocencias balbuciantes».

O poeta não consentiu que louvassem a sua inspiração, e, logo, philosophicamente

explicou o que era a inspiração: inconsciencia creadora e involuntaria; n'uma voz pastosa, vinda do estomago.

O berloque movia-se vivazmente. Era esta uma phrase sufficiente para o consagrar.

A senhora contorcionando a sua face attentiva, expressou qualquer coisa de muito bem, que tanto podia ser comprehensão como ignorancia.

Todas as suas acções eram sempre impulsionadas por um grande tacto feito d'elastecidade. Assim, quando um homem que estava presente citou a India, Cakiamouni, Bénáres dos idolos, e, o Ganges dos rictuaes, como elle a olhasse, confiado no echo, que, certamente, n'ella accordaria, a senhora adoeceu. Para fugir a um assumpto que só conhecia pelos panoramas, disse logo apertando a cabeça com as suas mãos cheias de joias:

— Ah! A India! A India!...

E isto dito por ella, ao pé d'um jarrão da China, era enorme.

Mas, como o mesmo homem, cheio de coragem e enthusiasmo, começasse a querer com-

plicar essa velha terra, ella queixou-se sonoramente d'uma subita enxaquêca; todos lhe accudiram e a India ficou salva. Retirou-se precipitadamente para um quarto contiguo, fazendo constar mysteriosamente aos presentes que ia inocular-se de morphina. Ouviu-se um chocalhar de baldes, sentiu-se agua que corria. Ao almoço só se alimentou de violetas com ether.

Tinha livros editados. A lista das suas obras indicava trez exgotadas: «Alma Humida», poemas; «Tormentos duma alma que soffre», sonetos; «Aquella que viu», viagens.

Estes trabalhos estavam incondicionalmente exgotados por nunca terem existido a não ser atmosphericamente

— E o que é a acção? Dizia um pintor, á meza, com a fronte sulcada de rugas. Só ha ideia. O meu égo está acima de todo o movimento inutil. Eu sou um pintor ultra moderno. Os meus quadros não os pinto; imagino-os. Existem, acompanham-me. Para pintar uma psychologia basta ter um cerebro.

Segundo este pintor o desenho era uma

obediencia indigna para um homem moderno, a uma velha formula. Elle não se submettia. Quando condescendia em cobrir uma téla de tintas, o que pintava ficava a mover-se; nunca se sabia se os modelos estavam de pé ou assentados. Os seus retratos tinham a originalidade de não se parecerem com os posantes. Para quê parecerem-se? Não se parecem as pessoas já, naturalmente, com ellas proprias? Elle só pintava almas.

E, emquanto mastigava com appetite, um jovem compositor tomou a palavra, com essa coragem natural ás juventudes habituadas ás polemicas collectivas e impunes.

Começou por rancorosamente desprezar a opera, essa musica moida e piegas. Imagine-se, gente que morre a cantar? Depois, a harmonia não tinha razão de ser; era burguez. Porque tudo para elle era muzica, menos essa muzica de macrobios. Para elle a chuva era muzica, como o era o ruido d'uma porta, o rodar d'um carro.

Tinha uma composição chamada «Somno» e na qual, só nos graves, se ouvia absoluta-

mente resonar do principio ao fim. Tinha tambem uma symphonia psychica que podia ser tocada de traz para deante, no meio, e, sem que ninguem se apercebesse.

E perguntava a todos:

—Porque, digam meus senhores, o que é principio, o que é fim?

Um escriptor materialista, agitou-se logo entre uma garrafa vazia de Collares e uma senhora benemérita e escriptora:

—Sim; nem principio nem fim.

Este dramaturgo tinha uma peça materialista, como todas as suas producções. No ultimo acto o panno não baixava; os comicos de cabelleira arrancavam-na em scena, porque apezar da peça ser naturalissima precisavam de peluca. Todos os artistas se despediam em scena; uma comica, mesmo, devia arranjar, durante o debandar do publico, uma liga, para dar mais naturalidade. Esta parte comtudo tinha custado muito a ensaiar; ser natural é muito difficil, especialmente no theatro, e, em Lisboa.

Este auctor que era d'uma producção abun-

dante, e, d'uma imaginação fertil, conseguira criar um mundo de entes fabulosos. O seu genio revestira pois esses seres de toda a malicia, de toda a argucia, de toda a perversidade; era um escriptor mythologico de monstruosidade. Nem Edgar Allen Poë, nem o proprio Dante conseguiam hombreal-o, pois que se a concepção d'estes dois auctores admittiu muita maldade, tambem egualmente abrigou muito bem; o novel escriptor de peças, unica e exclusivamente criava entes de mal. Como era uma pessoa muito affavel, capaz até de patrocinar um espectaculo caridoso, tinha por vezes desejos de collocar entre os seus personagens diabolicos, um simples porteiro, ou a modestissima mulher da roupa, em quem podesse brilhar, não uma virtude, mas uma candura. Não podia comtudo abrir semelhantes excepções; era materialista. Assim, o seu dialogo era naturalissimo; um personagem ébrio nunca dizia: — estou agoniado, mas sim: — quero vomitar, e o pobre actor tinha que vomitar, o que é muito penoso involuntariamente, mas toda a eschola

tem que ser disciplinada, sobretudo o naturalismo.

O jovem compositor sabendo que o conviva do berloque d'agatha era um conferente esclarecido convidou-o enthusiasticamente para ornar com uma prelecção sua um recital que estava elaborando.

O intellectual que tivera feito muitas conferencias, não sómente sobre muzica, como sobre esthetica, ou pomologia ou pecuária, acquiescera convictamente; sentiu-se muito feliz; tomou notas.

A conferencia é d'uma subtil utilidade para toda a casta de recitaes, saraus, funcções, danças...

Na sala accumula-se uma multidão, a qual para lá foi na incerteza do lugar. Os numeros das cadeiras quando não transmigram elles proprios, transmigram com as cadeiras. E ninguem tem a menor noção de localizar, por exemplo, o lugar dezoito, quando junto ao dezenove uma senhora enfadada e digna afasta o seu dorso para mostrar o cento e vinte e cinco.

Isto origina para os tardios uma má disposição. O homem consegue comtudo assento, ao pé d'um grupo fraternal que logo o olha rancorosamente. O homem descança, mas logo, de seguida, apparecem damas incontaveis juntas a essa cadeira precioza. Se o homem cede o seu lugar, fica naturalmente de pé, e, mal humorado; se tem a coragem de manter-se assentado tem a noção de que está comettendo uma iniquidade. A coragem traz sempre dissabores.

A sala, consequentemente não supporta mais publico. Chega comtudo mais gente, e, espalhando-se pelas outras salas anexas.

Esperam todos; uns conversam, outros transpiram, outros soffrem voluntariamente.

Nas primeiras filas estão os consagrados do costume, ponctuaes e infalliveis como os elementos. Quando se entra já lá estavam; quando se sahe ainda lá ficaram. Dão a sensação de serem tão permanentes como as columnas e as hombreiras.

Depois de s'esperar muito tempo, chega o conferente, sobraçando um assustador volume

de papelada e que é a conferencia. A conferencia muito util. Durante essas horas todos soffrem um grande tédio, mas todos acalentam, interessadamente a esperança do que virá, e, que será certamente muito melhor, visto que o que teem é muito mau; emfim, é a esperança, o que é muito agradavel.

O conferente está pois criando um ambiente de bom acolho, para o futuro. A sua presença agita-se ao lado d'um eterno copo d'agua, lançando palavras que não formam sentido, porque se não ouviram, ou porque as não quizeram ouvir. Os conferentes são geralmente pessoas sem attractivos coreographicos.

Quando enfim acaba, o conferente agradece commovido as palmas, aplausos que são unicamente, a expansão alegre d'uma multidão que soffreu inutilmente o pezo d'esse verbo penoso. Inutilmente, n'um sentido geral, porque o contraste é um sal precioso.

Está toda a gente contente porque o homem acabou; a consagração é mathematica. Quanto mais longa e impercebivel, for a dissertação do senhor, mais calorosamente

será este palmeado. As acclamações são feitas de reconhecimento, d'alivio.

O conferente commove-se, acredita, e, perde a cabeça pela vida fóra.

*

* *

O sol continuava doirando os alfacinhas. Muitos ociosamente, como lagartos, buscavam, á sua claridade, encostados ás hombreiras das lojas, as diversões naturais aos seus gostos: ver as senhoras que passam, ou silenciosamente, mas com enduramento, ou então dizendo coisas d'espirito, sem descernimento d'escolha, tanto áquellas que seguem sem alarde como ás que agitam as bebas impudicas.

A' porta d'um livreiro, estava muita gente; fui apresentado a uma senhora, poetiza, porque o designava nos bilhetes.

Havia muitos livros novos, como sempre, tão novos que d'isso não passam; a eternidade é feita de velhice. E, eu ia machinalmente

folheando. Uma perfeita união encadeava-os todos; dir-se-hiam feitos pela mesma mão, o que prova a coherencia d'uma epocha, como os chapeus rôxos das senhoras, como o comprimento das suas saias, como o trage dos homens e a sua fraternal myopia; raro é o nariz, onde se não encavalite um par de pesados quevêdos de celluloide.

Uma ideia dominante inspira os auctores; essa ideia é feita de dôr, de tortura, de desengano, de suicidio... tudo soffre.

Abundavam egualmente os oposculos sobre reforma e sobre moral, com receituario e invectiva.

Um d'elles apresentava a auctora no frontespicio, engenhosa e de botas. A sua presença certamente obedecia a um fim pratico, desconhecido e altruista. Tinha ao lado uma caravela com uma citação, em latim, do pequeno Larousse.

O livro abria com umas phrases alinhadas, por ella designadas de paradoxos: — E's feliz, cautela que podes deixar de o ser. — O trabalho é a negação da ociosidade; etc...

Ora eu tivera conhecido esta senhora n'uma linha de bifurcação, vinda duma estaçãozinha branca por entre eucalyptos, com um cão num cesto, cinco caixas de chapeus e uma mala de tapete. A sua conversa que fora facil e rapida deixára a minha alma cheia d'alarme.

Era caridosa, mas, d'uma caridade assustadora. Procurava a miséria sofregamente; a desgraça para ella era uma voluptuosidade. Se faltasse subitamente a boa senhora morria de desgosto. Apezar de caridosa importumnava desapiedadamente toda a gente, pedindo sempre n'uma forma auctoritaria, fazendo-nos sentir a paternidade de todos os orphãos, e, as responsabilidades de todas as desditas.

E, olhando esta senhora consciente da sua simplicidade e da sua philantropia, parecia que o seu sobrolho pezava de reforma. Toda a extenção da moral, toda a caterva dos moralistas se condensava na sua attitude, no seu adorno e na sua expressão.

Acudiu-me logo á mente aquelle coronel cachetico e de má bexiga, que, sabendo que

os seus tenentes foliavam com juvenilidade, lhes gritava: — Meus senhores são esses os exemplos que vos dá o vosso comandante?

Entre os kilos de papel impresso, com vinhetas, onde pombas esvoaçavam com cartas no bico, e, caminhos de ferro serpenteando fumo percorriam pontes do tamanho de mangericos, havia um outro livro feito de sentenças, de maximas e reflexões, trez palavras em grosso elzevir, n'uma preoccupação de abundancia, como que se uma não bastasse para significar as trez. Tratava-se d'um moralista feito philosopho por necessidade, e que era o conviva do berloque d'agatha. Tivera começado a sua carreira nas lettras por um livro de poemas, e, celebrado apezar de ninguem o ter lido. A fama é creadora. Esse livro chamava-se «Illusões desfeitas», o que prova que a reflexão d'esse conceituado auctor não fora nata, porque todo o auctorizado philosopho não tem nem illusões feitas nem desfeitas; não esperou e portanto não foi infeliz.

A licção de moral deste auctor era seme-

lhante ás licções de natação que são dadas em secco. Braço que avança, perna que encolhe, postura espinhal, exercicio thoraxico, bocca aberta, bocca fechada...

Porém se o discipulo tem a desdita de cair na agua, esquece todos os preceitos, e, só ha confusão e perigo.

Continuam porem discipulos e mestres, como continuam as agencias de casamentos convidativos, os prophetas politicos, os fabricantes de pomadas para crescimentos capilares, os medicos celebrados, os toireiros...

Todos na inquebravel e egual continuidade da vida social; hoje, como nos tempos iniciaes da familia todos os ministros d'estado não deixaram ainda de ser voluntarios, o que é admiravel.

As senhoras acotovelam-se ás janelas dos dentistas. Debruçavam-se com preoccupação sobre a rua, tão interessadamente como esperando um enterro, uma procissão ou o bando do circo.

N'uma casa de chá um sexteto descabelado e triste, tocava uma dança moderna do

Canadá, com batuque e assobios. Era ouvida com ostensiva irreverencia. E comtudo — provavelmente — dentro d'alguns annos, uma camada semelhante aos eruditos musicaes e torturados d'hoje, ouvil-a-ha com o mesmo interesse e a mesma complicação com que se deleitam os sabios contemporaneos, ao ouvirem chacoinas, sarabandas, gigas e tonilhos de dança do Auvergne, que no seu tempo foram feitas para a folgança dos bazares, das kermesses, das cocanhas e das bodas do povo.

Alfim, todos esses auctores tristes me encheram a alma de velhice prematura.

Eram todos tocados d'uma sinistra tristeza; todos disilludidos, todos gementes; como que se uma rajada doentia os tivesse aniquilado d'encephalite lethargica e desejada; uma lastima.

E' por isso que elles cantam o caixão, a cova, as amadas tuberculinizadas. Cantam o fado: a falta de petroleo, a cama do hospital... E' uma infecção de desdita que cheira a papel d'Armenia.

Dançam no entanto as danças d'America, mas, macabramente, com fatalidade; como um exercicio forçado que s'executa com rheumatico no corpo e crime na alma.

E essa tristeza, communica-se a mim proprio, como talvez as desillusões do poeta do berloque.

E, lembro-me, que, tendo apenas sido vaccinado trez vezes, fui um dia de macareu atacado de patriotismo. Estava na Povoa do Varzim e apaixonado. Ensopado na minha maleíta amorosa, e em leituras de legenda e cavallaria, um dia, na praia fedorenta d'adubo marinho, vi de repente uma mulher deliciosa e extranha. Era tisnada pela ardencia dos sóes, descalça, luzente de suor e d'uma porcaria classica.

Julguei ver n'ella, com temor, uma princeza da Moirama, abandonada alli, na costa banhada do mar revolto. Com um ar que a encheu de medo, perguntei-lhe n'uma voz solemne:

— Mulher; és portugueza?

E ella n'uma voz roufenha e assustadiça:

— *Nã senhora; sou pubeira.*

N'essa noite, depois de cuidadosamente me ter escovado, fui a um theatro, assistir á primeira representação d'uma peça traduzida.

Ora é curioso notar, que um rancor, e uma esperança d'insuccesso une sempre fraternalmente os espectadores d'esses acontecimentos iniciaes.

Havia uma rainha, a qual por sel-o entendeu que devia fallar difficilmente. A caracteristica era d'um grotesco que só o theatro pode produzir, não a vida; mas não houve pateada o que causou uma grande decepção.

Comtudo essa peça, não podia classificar-se de muito má.

A' sahida um senhor exigente, agitando as mãos no ar, para ficarem mais brancas, disse-me estar horrorizado.

No meu desejo de contemporisar e de louvar a harmonia, retorqui-lhe que podia ser peior; que era relativa a Lisboa cheia de buracos e de sombras.

Ora esta pessoa que era patriota, e, cheia de dignidade naturalissima, desafiou-me para um duello, por eu ter insultado o municipio.

E foi cheio de medo, quando os descendentes do homem d'estado afogado em Obidos, começaram novamente a foliar, que eu acabei d'escrever estas linhas, talvez para sempre, e, ficando á espera do imprevisto como todos os que teem a desdita de viverem e de pensarem.

Todas as novidades são perigosas.

Mas eu gosei do praser de ter acordado, porque tinha sonhado.

Apesar de me considerar um homem livre tinha sido dominado pelo velhissimo Hédylos. E então reli a sua pagina magica, que se abria ainda no chão, ao lado dos meus chinellos.

Fora o vinho das libações, e, o doce amor de Nicagoras que tivera adormecido Aglaodice.

E ella offereceu a Cypris o despojo da sua emoção virginal, todo humido ainda de perfumes.

E fora esse remoto grego que povoára d'acontecimentos o meu solitario somno.

Eu nada tinha que offerecer, nem deuses a quem offertar.

UM ESPECTACULO

OS INNOCENTES

Qualquer scena: um palacio, uma floresta, uma taberna, o avesso dos scenarios. . . A qualquer hora, e em qualquer epocha

O CYNICO

A humanidade é felizmente para nós, armada d'essa interessante e obscura perversidade que a leva a interferir n'aquillo que lhe não diz respeito. E' uma força de heroicidade — como todas as heroicidades — organica. Hercules nasceu para bater, Montaigne para pensar *(olha o tecto para seguir o gesto habitual)*. Não ha nada novo sob o sol.

UM MODERNISTA

Perdão; temos muita coisa nova; o socialismo, o communismo, o futurismo, o turismo; etc. . .

O POETA

(Sonhando languidamente) Rima, que pena, com mutismo.

O CYNICO

Mutismo! Sim! Só isso seria novo.

O MODERNISTA

Para a frente é que é o caminho. Queremos tudo novo. Eu sou um homem moderno; modernissimo... *(N'esta altura sahe apressadamente para satisfazer uma necessidade imperiosa e classica).*

UMA DAMA VIRTUOSA E FEIA

Toda a desgraça moderna provem da falta de virtude; provem da incontinencia a que se votam os sexos, por vezes, tão descabeladamente, tão ostensivamente... ai!,... que me faz raiva.

UM ULTRA-PHILOSOPHO

A desgraça, todas as desgraças, as modernas e as antigas, ou sejam, as mesmas desgraças, são a resultante simples da simples causa de vivermos.

UMA MENINA ROMANTICA

Ah! Sim. Deviamos nascer todos mortos.

O ULTRA-PHILOSOPHO

(Aos uivos) Eu, os senhores, as senhoras, somos um bando de parasitas. Os sexos não appareceram para se reproduzirem, mas sim para viverem um curto periodo sem as dores e os cuidados provenientes dos dias que seguem aos dos amplexos. Nada me faz crer que a vida tenha razão de ser, porque até a propria felicidade é torturada pela imaginação do seu fim. Nós somos todos um bando d'abcessos, infelizmente, raras vezes de lobinhos. Somos uma especie de fungos, e, como taes nos reproduzimos espalhando o nosso virus de microbios verbosos.

UM MEDICO

Ha microbios necessarios.

O ULTRA-PHILOSOPHO

Necessarios para combater os outros que nos querem devorar, para que elles melhor devorar possam. Não existiam se não houvesse vidas. Seriam como os politicos n'uma terra sem contribuintes. *(Solta outro uivo e cahe morto. Levam-no).*

Tudo o que foi creado fóra da vontade dos homens existírá perdoravelmente. D'esde ha muito que a humanidade tenta aniquilar-se, mas, em vão. Nem as mais demolidoras orgias; nem as catastrophes; nem as pestes, nem as guerras. Nem Onan o conseguiu; nem Solon legislando sobre o amor, fazendo d'elle um deus; erguendo templos a Adonis, a Astartea a Venus; sacrificando nas aras de Priapo. E do excesso nasceu o abuso. Aristoteles considerava a mulher como uma irregularidade da natureza. No entanto foi este o seculo glorioso de Demosthenes, de Platão, de Phidias, de Praxiteles. O resto do mundo era barbaro. E, o padeiro amassava o seu pão, o rico traficava, o pobre queixava-se... O escravo detestava o amo, mas, detestava mais os outros escravos, esperando por seu turno poder escravizal-os quando de liberto passasse a senhor. A condicção humana, social — como se diz — pertence á biologia e não aos cenaculos. Duas arvores germinadas no mesmo solo, da mesma semente, nunca são

egualmente poderosas; basta que uma cresça um pouco mais, e, que com a sua sombra tolha a outra. Os lyrios bravos são assertivos; deixam cair as suas muitas folhas inuteis —inuteis á decoração da sua belleza, mas não á protecção da mesma—á roda das suas hastes airosas e brancas. Sem esse espaço desafogado e contido pelas suas fibras, não poderiam crescer: serem lyrios. A egualdade existirá entre a pobre turba humana quando existir na natureza. E a natureza não precisa do homem o qual, comtudo é seu escravo prescindivel.

UM HOMEM SEM IMPORTANCIA

Natureza quer dizer harmonia; sómente d'harmonia se vive.

O MODERNISTA

Isso é um insulto; isso é academismo; eu não sou academico, sou «tuitivo». Só o inédito me preoccupa.

O CYNICO

Só ha uma coisa inédita, e que é velhissima: a morte, apezar de repetidas vezes ter temporariamente aquietado a mesma materia.

Ninguem «pode» calcular o numero de vezes que tenha morrido.

UM HOMEM SEM IMPORTANCIA

Eu conheci um homem ocioso e exigente que procurava qualquer coisa de novo. Escreveu, e, dizia o que já estava dito; pintou, e, pintava o que já èstava pintado. Então, escreveu trocando as sylabas, e, todos admiravam na sua escripta extranha aquillo que elle na mesma não tivera posto.

PANNO

Entre comicos, espectadores e porteiros, só houve um que não fôra «innocente» : um homem que morava na Amadora por sua livre vontade; que se chamava Nunes; que fazia quadros d'aneis de charutos e que tivera dormido durante esta peça.

UM MARTYR

UM MARTYR

A' portinha da entrada da geral, quando eu cheguei, apinhava-se já uma multidão negra e resignada — um cacho compacto — onde se agitava por vezes uma pluma, um laçarote de mulher, movendo-se n'um cansaço suffocado.

Era uma noite de Wagner e era Lisboa.

Pouco depois, essa multidão que eu detalhára, encasacada de modestia — boa gente — segundo a classificação gentilica — investiu collectivamente, derrubando os porteiros, uivando, protestando, queixando-se... Alguns, disse-me depois a minha visinha — uma menina nervosa, com cara de cavallo e pulseiras ruidosas — tinham esperado duas horas.

A menina tinha até um pé no ar, adormecido por uma patada dolorosa.

Esta mocidade agitada, ficava á minha direita; á esquerda encontrei um sugeito que m'inspeccionou rancorosamente. Não tinha attributos notorios; era um sugeito,

Certamente um sugeito irritado pelo rumor natural de todos os theatros portuguezes e cheios, antes de começarem. Sim, estava irritado, e, a sua irritação cresceu quando as trombetas annunciaram o começo do Parsifal.

Vi então que a sua cara irada se movia sobre um pescoço onde a maçã de Adão semelhava o harpão horrivel d'uma galéra latina. E, como estava colérico notei logo que era um fraco.

Proferia palavras reprovadoras, na ancia de colher n'essa noite — certamente a primeira para elle — até os silencios votados a Wagner. A sala escureceu; toda a gente soffreu muito porque teve que se calár, e, o divino preludio começou.

O sujeito com o queixo na mão pelluda, ouvia religiosamente, a testa sulcada de dif-

ficuldades, esforçando-se por admirar, por gostar d'uma coisa conseguida tão pacientemente.

Acabou fínalmente por se affazer á symphonia; habituou-se a ella como ao pendular continuo dum relogio, e, adormeceu.

Accordou porem ao terminar esta, pela mesma razão porque se accorda a bordo de um transatlantico quando as machinas param.

Então, escravo dos silencios que impuzera antes, fez muito barulho, deu palmas; foi até o unico applaudindo.

Levantaram-se protestos, e, quanto mais protestavam, mais ruido fazia o sugeito, chegando até a gritar: — que tinha liberdade de applaudir, que era um homem de liberdade.

Houve mais protestos, sentía-se um rumor unisono; o maestro apavorado julgava que era fogo. Um dos fagotes, calvo e pae de familia, tentava debandar, agarrando o seu instrumento n'uma pressa desvairada. A menina de cara de cavallo jubilava, agitando as pulseiras. O publico, depois de sabido o acontecimento, começava sentindo-se feliz; conversando; folgando d'esse momento, pelo

grande esforço de ter estado quiéto durante a execução; porque estar quiéto é geralmente muito difficil.

Naturalmente, como todas as normalidades que são o effeito do anormal, tudo se aquiétou, e Gurnenmanz poude emfim louvar e lamentar-se sobre o Santo Grál, á luz da madrugada, na selva solemne e ombrosa; ao som do clamor das businas.

Quando Kundry entrou, desgrenhada e choramingona, já o meu vizinho dormia, e, o seu ressonar dizia toda a sua espíritual tranquillidade.

Accordou ao ruído das palmas, e, assim, bemaventuradamente existiu durante todo o espectaculo, dormindo e accordando, para applaudir, porque era escravo do seu apressado louvor, e, porque tinha sobre a liberdade a noção de todos os que com ella se preoccupam: ter liberdade de fazer bulha, não dando aos outros a liberdade do silencio. Emfim, era escravo d'ella, como felizmente se é de tudo o que apaixona. Deixarmos de pertencer a nós proprios é um bem supremo.

UM GENIO

UM GENIO

Esta manhã, ao descer a minha escada, a cosinheira do primeiro andar — barbuda e poderosa — olhava em silencio para o chão. A sua face dominava, impassivel e protectora; como que reproduzindo o longo contacto das caçarolas e das viandas; tinha qualquer coisa de succulentamente impressionante.

Jeronyma — pois é este o seu nome — foi sempre para mim uma deusa omnipotente e alimentadora. Se bem que me represèntasse um mysterio domestico, emmudecido como todos os mysterios, quer divinos quer terrenos; se bem que o seu convivio me fosse desconhecido, portanto, desejado, Jeronyma

adherio á minha existencia como um bem ou um simples habito.

Então, assim habituado, amo Jeronyma com reverencia e com curiosidade; qualidades essenciais de todo o verdadeiro amor.

As nossas existencias são separadas por dois andares banaes e pombalinos. Ella, no primeiro, entre os seus refugados odorósos, fazendo resplandecer a cosinha pela sua presença utilissima e illustre; eu, no quarto, annotando qualquer manuscripto quinhentista e confuso.

Jeronyma certamente não pensa em mim. Até mesmo, mais do que uma vez a surprehendi, oscillando o seu ventre de riso deleitado, no escuro do patamar, muito junta ao homem da carne. E, quando eu passo, ambos se afastam com desusada cortezia e denunciador alarme.

Os meus conhecimentos humanos esclarecem-me sobre a perfidia de Jeronyma. Tenho pois ciumes do homem da carne, eu, commentador laureado de Lucrecio!

Eis as razões porque Jeronyma enche a

minha vida de torturas e de delicias. Eis os motivos porque amo: pelo ciume e pelo desconhecido,

Ora esta manhã, ao descer a minha escada, e, seguindo a silenciosa attenção de Jeronyma, vi, que no chão, na sombra, alguma coisa se movia e brilhava. Essa vaga coisa de pé, attingia sómente o meu berloque, o qual é uma garra encastoada d'um leão famoso, caçado por um parente chorado.

Esperando uma nova traição d'esta, olhei o seu olho esquerdo que tem desejos fabulosos de Pasiphaia, quando brilhando acaricia o meu rival da carne. Este olho porem, expressava agora, apenas a cosinheira, não a amorosa. Jeronyma comprava sardinhas, e, essa coisa negra e indecisa para os meus olhos cançados, era apenas uma minuscula varina, a sua canastrinha e alguns peixes, luzentes como laminas d'aço.

Disse-me n'uma voz suáve de creança que se chamáva Olynda e que tinha séte annos. Era quase uma Tanágra; comtudo, parlamentava com lentidão e esperteza acêrca do

preço baixissimo e acêrca da irrefutável frescura da sua mercancia. Depois, lestamente se foi com toda a sua endumentaria: sáia de cinta apanháda nos rins, bôlsa de côres berrantes, chapeu sobre o lenço solto; a canástra bem equilibráda e coberta d'oleado . . .

Logo na rua, soltou o seu pregão argentino e entoado; e, via-a esgueirar-se habilmente, por entre o tráfico buliçoso, sosinha e ligeira. Um genio precoce.

Quando n'essa edade o homem attinge a phase mais curiosa da sua vida, os sete annos, pela intelligencia que se precisa, sem as algemas da critica pessoal, da presumpção ou da consciencia, raras vezes poderá cumprir um dever sem o incentivo natural do medo ou da recompensa; incentivos tutelares que o acompanham até á morte, quando este não enferme ou de patriotismo ou de heroicidade.

Ha portanto n'essa pequenissima pessoa apenas o geito, — o genio — a adaptação facil, para não adoptar qualquer outro termo de mestre psychologo, egualmente mesquinho mas certamente mais complicado.

E' apenas um pequeno genio, inconsciente como todos os genios, apezar do genio edoso ser por vezes a resultante d'uma paciente cultura.

Olynda vende peixe com a mesma naturalidade com que uma outra creança da sua edade poderia tocar um instrumento, moldar um barro, desenhar um ornato, ou realisar um delicto planeado com requintes cuidadosos de facinora.

Ninguem louvará Olynda; não tem chocolates recompensadores nem louvores de visitas. E como não tem a noção do seu dever, cumprindo-o simplesmente, continuará a ser simples como tudo o que é bello, emquanto a juvenilidade a precaver do grotesco da noção.

UM SIMPLES

UM SIMPLES

Acabára-se o jantar, e a meza desalinhada pejava de christaes, de licores e flores. A dona da casa déra ás senhoras o signal habitual da debandada. Os homens ficavam, aquecidos pelo repasto excellente e pelos vinhos opportumnos, e, começavam contando uns aos outros anedoctas; umas eroticas, outras espirituosas, outras néscias.

Quando se rheuniram ás damas, no salão, cheio das manchas luminozas dos biombos multicolores das luzes, estas palravam e riam, n'essa forma mysteriosa e feminina que parece sempre revelar uma profundidade criteriosa ou sardonica, mesmo quando nem uma nem

outra existem. A propria indifferença da mulher parece formar uma alma complexa.

Entre os homens havia um poeta, dois escriptores, um tenente coronel com bronchite, um pianista, e, um homem simples e movimentado.

O homem simples era o mais irrequieto. Como tivera banido de si toda a possivel vaidade, o seu vestuario era complicado de desalinho. Procurava os espelhos e rapidamente descompunha a gravata.

Assentava-se amachucadamente. Era um critico implacavel e um moralista intolerante. Os seus bolsos formavam-lhe ancas indecorosas, tãos cheios estavam sempre de manuscriptos, onde n'uma lettra meuda e cerrada, a doutrina e a invectiva formavam uma pretidão indecifravel. As senhoras gostavam muito de o ouvir.

Fez-se silencio; o critico encavalitou no nariz os seus quevedos, e, disse o elogio da simplicidade.

Que o genio era apenas uma accumulação de difficuldades.

Que não havia nada mais horrivel do que um genio; o genio musical, poetico, malabar, scientifico . . . O horrivel d'esse phenomeno residia na sua difficuldade. Tudo para elle era difficil, complicado, contorcido, penoso... E, nós que o observávamos ou ouviamos, seguiamos sympathicamente todos os seus esforços titanicos.

O homem do circo, hediondo, magoado, movendo-se penosamente, lembra-se um dia de marinhar por uma corda; prolonga desnecessariamente os preliminares do seu numero espantoso, — pontes sem rede, com laminas, com ferragens, com cabos; como uma catapulta latina de conquista, e, nós, cheios de consciencia, não d'essa consciencia que deseja o bem estar d'essa besta inesthetica, mas, antevendo o panico d'uma queda funesta, quedamo-nos suspensos, e, desejamos que a creatura se salve para tranquillidade geral

Ora esse homem fez certamente uma coisa muito difficil, mas, perfeitamente inutil.

Um genio musical dos nossos tempos é d'uma semelhante crueldade.

O genio musical chega; nivela o banco do piano, como que se a sua vida dependesse de tal detalhe; senta-se, levanta-se; torna a nivelar; olha para o téclado, como que considerando uma proxima calamidade; e, resfolegando, engorgitado e cheio de gestos possantes e dolorosos, toca, toca...; mas o que é que toca? Toca o que está no programma, difficilmente, porque hoje, tudo o que é difficil é louvado.

A musica deixa de ser musica; é somente um barulho e, é tambem por ser difficil que s'exècuta; os genios só adoptam difficuldades.

Se o genio musical se eterniza agredindo o instrumento, o que muitas vezes faz, porque perdeu na vida a noção de fazer outra coisa que não fosse tocar, nós, que consideramos a musica a mais divina das artes, acabamos por nos afazermos a esse ruido lamentavel, e, porque somos humanos como esse ser barulhento, limitamo-nos a soffrer com elle.

Transpiramos perante a sua energia; somos muito infelizes.

Se elle descançasse nós descançariamos tambem. Aturamos comtudo essa deshumanidade reciproca pela mesma inexplicavel razão porque soffremos o esforço d'uma parelha fraca que nos arraste esfalfadamente por uma collina ingreme.

Gostaram todos muito. O tenente coronel tossiu com enthusiasmo. O poeta derrubado como um corpo sem ossos, acquiescia com dignidade. Vieram mais licores; fallaram todos ao mesmo tempo. A dona da casa então, empunhando uma chavena que adoçára com carinho, perguntou ao poeta o que elle pensava do Oriente. Este por sua vez disse n'uma forma rimada, pois nunca se sabia quando não recitava, que o Oriente para elle era como que o calor da vida.

Olhou abstractamente o papel da parede, onde aves do paraizo achocolatadas se reproduziam indeffinidamente, e, poz-se a murmurar:

— E' inverno. São brancos os caminhos e sem frouxel os ninhos. Olhae as azas leves que fogem para o Sul; o sul dos madrigaes e

das legendas; dos mythos, dos trigaes; todo ameno e azul.

Ellas lá vão, n'um grande bando lento, pelo céu cinzento, alegres, a cantar.

Oh Sul do sol, da vida, do calor! Eu fugirei tambem para lá ir amar! Oh terras de Virgilio todas cheias d'amor!

Sul dos namorados; oh! azas eu irei aos vossos brandos chamados.

Vem commigo minha amante, a essa terra distante. Eu tenho mêdo da néve tão muda e deslumbrante.

Quero buscar o paraizo bailante do teu riso; as tuas bellas mãos; as tuas mãos patricias. Quero esquecer-me do céu, tolhido de caricias...

Uma das sete poetizas presentes, que tivera justamente lançado uma edição de chita, de sonetos provincianos, onde cantava as colheres de pau e a brôa d'uma tia com muitos nomes, olhava o poeta extasiadamente.

O critico estava prestes a gostar, mas não podia gostar porque era critico. Os dois auctores fallavam de negocios. O tenente

coronel tossia com energia, emquanto o poeta arquejante e dorido, condescendia em continuar, a instancias das senhoras:

— Seguiremos as grandes caravanas ondulantes, pelas dunas distantes, e, nos oásis, ao marulho das aguas cantantes, á sombra dos juncaes, no abrigo das tendas, nós ouviremos o grito dos chacaes, e o passar das lendas. Sirgaremos pelo Nilo brando, tocando as praias calmas e cantando.

Vem comigo amor; a Thebas, a Luksor; ouvir crescer o lotus e chorar os chapins, por entre os jasmins.

Eu perguntei ás campas atulhadas de saber: amigos meus onde estaes?

Eu perguntei aos sons, ás côres, aos vegetaes o que era a vida, o que era morrer? Quem era eu? Quem era a minha amante? Porque sopravam os ventos? Porque era Deus tão distante?...

O homem simples preoccupado de receitas prepara-se para dizer porque sopravam os ventos, mas a tosse energica do tenente coronel foi um impedimento.

As senhoras agitaram-se de goso. O poeta sentiu-se infeliz porque não tinha acabado.

A noite avançava. O critico continuava fazendo o encomio da simplêza e da moralidade.

Depois citou as noivas modernas que exibiam o sexo á cabeça. A flor de laranjeira era hoje symbolo d'uma castidade ameaçada.

E mal humorado disse ainda muitas coisas mais e más.

Um dos escriptores que recusava café por causa da bilis, disse que o Oriente era uma columna mutilada, um mendigo com chagas, e, uma cegonha suja. As senhoras protestaram.

O tenente coronel evocou o clima, propício ás bronchites.

Uma senhora lida em Loti citou Constantinopla e o Bosphoro, assim como um narguilhé que tinha em casa.

Mas o homem simples continuava preoccupado de simplicidade. Citou até a singelleza do mahometanismo. Como era critico official de pintura e de musica, fallou com

soffreguidão dos ardimentos modernos de tinta e de teclado:

— Conta-se que uma vez, um hômem d'espirito, annunciára aos seus amigos que trabalháva uma obra prima a oleo.

Decorriam tempos e os amigos esperavam anciosos.

Um dia foram todos convocados á officina do pintor, e, agglomeraram-se suspensos, em frente d'um quadro que uma cortina cobria.

Então o homem d'espirito descobriu a tela, e, viu-se esta pintada de negro; toda de negro apenas.

Os amigos, como estavam em presença d'um mestre irrefutavel, começaram logo a dizer que era soberbo, porque não percebiam. Ora o mestre teve a bondade de perceber que elles não percebiam, e, condescendeu em elucidar essas mentalidades caliginosas, gritando-lhes:

— E' um drama n'um tunnel.

Consta-nos que um discipulo d'esse homem d'espirito fizera um outro quadro perfeitamente identico, — negro apenas — o qual era

designado por «Trevas completas na Floresta Negra.»

Consta-nos tambem que foi um successo. E comtudo, qual o espirito normal que ouse dizer que essa tela não contenha uma tragédia, ou bem uma floresta enorme? Poder-se-ha affirmar que um simples e inerte calhau não soffra ou regosije?

Uma intelligencia genial é capaz de tudo, quando conceituada. Um collectivismo é simplesmente um bocejo fraternal. Tudo boceja; quer dizer todos á uma applaudem ou derrotam. São todos faceiras.

O faceira d'hoje é o faceira de sempre.

O faceira d'hoje, que egualmente falla sempre difficilmente, sem quitó, sem brucres, e até de botas d'elastico, calvo, e, com hemorrhoidal, é porem bem mais pernicioso do que fôra o seu antepassado d'esse seculo XVIII carnavalesco e gentil.

Serve-se do mesmo idiotismo secular para espalhar aos ventos, pela imprensa, pela conferencia, e, pelo livro, como que a quinta essencia da sua parvoice. Assim como todos os

flagellos foram sempre abundantes e prolyphicos, assim o são egualmente os faceiras. Assim como as bexigas são, em Portugal endemicas, assim esses microbios verbosos são continuos e latentes.

Verdade seja que a multidão vestida, geralmente, nem lê, nem leu, nem ouve, nem ouviu; veste-se.

A razão d'essa appreciavel preoccupação faz com que uma creatura trajando de dama nos escoicinhe n'um ajuntamento, ou uma outra creatura vestida de cavalheiro assobie atraz de nós, na Opera, as melodias populares, para mostrar que sabe.

O faceira de D. João V é pois o imbecil de sempre; como que um succedaneo da humanidade; é um homunculo.

O seu ardimento corre parelhas com a sua falta de critica pessoal. Porque o pensamento tolhe sempre. No tempo de D. João V, essa creatura era tão inoffensiva como uma nuvem de polvilhos. Da futilidade de que eram formados resultava apenas como que uma diversão sem consequencia; o bom senso ficava

intacto, e, os seus dizeres em falsête lamuriento afogavam-se sempre no chá dos serões ou na agua benta dos Te-Deums.

Louvar por dever é tão mau como embair por intenção.

Comtudo, o faceira nem sempre derrota os bosquejos de tinta e os embelecos de teclado. Tudo para elle que seja difficil é applaudivel; tem horror ao simples porque é banal; o faceira é complicado.

Assim, um retrato com os olhos no chapeu, um braço com trez articulações, uma dama anthropologica e verde, typo de belleza; uma musica uivadora; uma «natureza morta» envernizada e polychrôma como um cunhal de droguista antigo, são para elle «emocionantes momentos d'arte».

Eis pois, que, uma vez, entrámos n'um theatro onde se dava um concerto de musica moderna. Agglomerava-se alli uma multidão escolhida a fazer de conta que gostava.

Provocámos a sanha d'alguns ouvintes. Os executantes eram incontaveis, e, a composição genero intencional. O programma disse-nos:

«Psychologia d'uma força». Escutámos, e, de facto nós só «ouvimos» patibulos, contorções, espasmos etc... Era horrivel.

Ao terminar, a multidão guinchava de gôso. Dei palmas tambem, com medo dos meus visinhos enthusiasmados.

Pediram *bis*, e, estudando então com mais calma o programma de meudo typo, vimos que o que tivemos escutado era «A porta, a sogra e o abano», em sol maior.

De facto, ouvindo novamente esse trecho bisado, notámos a «A porta, a sogra e o abano». Admiravel. D'esde então comprehendemos tudo na vida, e, até um amigo gotoso que possuimos, e, o qual nos diz sempre, mostrando o joelho monstruoso:

—Felizmente ainda o tenho, o meu joelho. Louvado seja o Senhor.

Depois do esforço ironico que findára a sua tirada, o homem simples despediu-se. Amachucou o chapeu; abotoou-se erradamente e cuidadosamente, e, sahiu.

UM HISTORIADOR

UM HISTORIADOR

Tijóca foi um amigo excellente e muito sabedor; louvado por todos os sabios e doutor em muitos graus. Historiador tropical e paciente, documentou sobre os incas, não no Perú, mas remexendo os archivos da Europa.

D'esde muito novo que se preoccupára com Pakakuxixa III, da dynastia dos kuengos. Apesar de muitos seculos pesarem sôbre o passamento d'esse conceituado guerreiro, Tijóca affirmára ao mundo que se interessa que o sóba remoto era canhoto. Foi um delirio de saudações.

Eu fui tambem nas romagens que o sauda-

ram; apertei commovido a sua mão suáda e pesquizadora. Depois, fallámos sobre os tempos que decorriam e que são sempre maus porque a elles pertencemos. Dissertàmos sobre o explendor das velhas civilisações, sobre as antigas doutrinas deturpadas...

A noite veio e com ella o ruido dos vizinhos que pareciam fraternaes e numerosos; teniam ferros, martelavam pedras.

— Era sempre assim, dizia o professor, á mesma hora. Quem eram?

Tijóca não sabia, habituara-se já — d'esde longo tempo — como até ao infortunio todos nós nos habituamos. Sahi e Tijóca voltou a documentar.

Perdi infelizmente esse amigo veneravel e chorado. Dias apenas decorridos, d'esde a minha visita, Tijóca morria, n'uma horrivel explosão acontecida em casa de seus vizinhos.

Os boccados preciosos do meu amigo Tijóca foram recolhidos piedosamente por um nucleo de historiadores preoccupados e respeitosos, no entulho, entre outros bocca-

dos d'outras victimas de menos importancia social.

E esses novos historiadores continuaram a compilação peruana, perpetuando assim a obra zelosa e util do meu lamentavel amigo

UM INVENTO

UM INVENTO

Trez amigos, uma vez, procuraram-se, desejosos de conversarem. Chamavam-se: Pires, Peres; e, o terceiro não tinha nome; conheciam-no como: O marido da D. Margarida. Era um homem quiéto, concordante; brando no fallar; que usava sem obrigação sob o lábio inferior um mólho de pellos que o povo vulgarmente designa: môsca.

Pires que era d'uma magreira ethica, deixára que a face macerada se ornasse de todo o crescimento natural da sua barba, muito branca já e cultivada.

Peres apresentava um rosto facil, e, capaz apenas das quatro expressões primordiaes da

massa humana: mêdo, fome, desejo e dôr physica. Possuia trez sobrancelhas; a terceira tocando-lhe o nariz, que era pendente e longo, o que accusa amenidade. Esta anomalia que para elle era egualmente voluntaria, é classificada por alguns auctores de: adorno, bigode...

A citada decoração malchacava, e, normalizada pela abundancia, traduz bem a pobre noção ornamental do tempo.

Determina a flacidez do colectivismo, o nucleo, onde a vontade, o descernimento, a independencia, nem sequer se unificam porque em cem vontades ha cem opiniões.

E então, abdicando da possibilidade do gosto, esses entes são como que o ovelhum no qual as rezes difficilmente se distinguem. Mas, o que no rebanho que se apaschoa forma uma belleza, na ranchada dos individuos é unicamente uma egualdade inutil de feeldade.

A semelhança na indumentaria, quando esta visa á pura simplicidade, ao bom gosto, ao justamente preciso, é como a semelhança n'um nucleo d'homens que protestem ou construam,

e, que se apparelhem para fazerem brilhar um acontecimento conjugado d'intelligencia util.

Como se não póde ser original, seja no que for, seja como for; sejamos então rutineiros, mas, da maneira mais singelamente lógica e bella.

A razão descriptiva do aspecto facial d'estes trez amigos é unicamente para que aquelles, que, agora os encontram, os conheçam melhor, desde de que não sintam o desgosto ou o gosto de se não encararem a si proprios ao vel-os.

Ha muitos aspectos emmudecidos que são d'uma evidente eloquencia. Entre elles cita-se uma casa semelhavel a um bolo de noivado, com janellas prescindiveis, porque mesmo o estylo perfeito na habitação, mesmo na sua epocha, nunca acompanhou uma vaga architectonica sómente, mas tambem as neccessidades d'esse tempo. O aspecto d'essa casa inculca integralmente aquelle que a mandou construir. Se for um homem de lettras, olhar para ella será ler as suas paginas.

Mas, são tantos os berloques inuteis com

que a humanidade se desfeia, de livre vontade, a si propria, que, a sua enumeração seria mal cabida para com o bom typographo, pacientemente e esforçadamente construindo sobre o papel os pensamentos que devem ser amenos, uteis, formosos e nunca sem razão de serem qualquer coisa.

O fundamento do bom senso ou do disparate, tem, passado algum tempo, a mesma solidez inquebravel.

O bigode do simplissimo Peres é hoje tão natural, como seriam policias com chapéos de chuva, alguns annos decorridos sobre esse uso, se bem que, esta pratica fosse feia e util. Mas, a outra é sempre simplesmente feia e inutil.

Ora os trez amigos entraram na loja d'um importante negociante de livros: Bacamarte e Companhia, para buscarem um recanto silencioso e propicio aos seus propositos.

Peres trazia comsigo uma maleta de coiro que cheirava a mercearia e que tinha um jóta em prata, porque elle era Joaquim.

Pires cobria a cabeça com um feltro negro e despreoccupado.

O marido da D. Margarida uzava duas fitinhas brancas entre o collete e a gravata que era de nó permanente, e, onde se espetava um alfinete d'oiro com uma perninha de senhora.

Tinha o habito de frequentar Bacamarte e Companhia para lhe aspirar o ambiente intellectual e decorar o nome dos livros.

Por vezes, retirava um volume, mas, só o olhava demoradamente quando este tinha estampas.

O nome da mulher permittia-lhe essas facilidades. Quando lhe fallavam nunca lhe perguntavam como elle estava, mas sim, como se encontrava a mulher o que já nem o orgulhava, pois os seus attributos humanos e sociaes tinham surgido encantadoramente, apenas com o seu consorcio. Nascera quando se casára.

Bacamarte, que era presidente d'uma assembleia de jogo de bolla, nos Olivaes, recebeu os trez amigos com a sua natural

condescendencia. E, como era um homem de negocios, fallava sempre com muita força.

N'esta altura entraram dois donzellinhos que pediram um romance.

— Qual?

— Um romance que fosse bonito e acabasse bem.

Bacamarte recolheu-se rancorosamente; olhou as pratelleiras e perguntou se queriam grande ou pequeno.

— Que não fosse caro mas que tivesse muito que ler.

Bacamarte illuminou-se; e tomando nas mãos um volume grosso:

— Isto; isto é que lhes convem. Bom livro; grande livro; quatrocentas paginas; tresentas e vinte grammas. Sim senhor muito bem. Felizmente ainda ha quem leia!

E depois de ter recebido o dinheiro, empurrou para a porta os dois senhoritos agradecidos e medrosos. Empurrou-os como um médico despedindo da sua clinica alguem a quem muito bem fizesse.

Bacamarte estava ainda fóra de si pelas exigencias dos senhores auctores:

— Tudo aqui me vem parar. Eu não tenho tempo para os aturar. Elles são tantos que adoptei um systema. Calculo a espessura dos manuscriptos; depois, pezo-os. Hoje comprei um; tinha um kilo oitocentas e vinte e oito grammas. E' preciso modernisar os processos. Versos não compro; são difficeis de calcular, e, depois, não gosto de versos; são uma patétice. Cá em casa hoje vende-se tudo a pezo.

Uma senhora entrou e perguntou.

— A como está o kilo d'Armand Sylvestre?

Como tivesse entrado muita gente e as balanças tinissem, Bacamarte berrou em fortissimo:

— A nove escudos, mas, se compram dois kilos faço-lhe a oito escudos e cincoenta. Convem?

A senhora comprou e levou ainda cem grammas d'uma poetiza decadente.

O D. Margarida perguntou a Bacamarte qual era o livro de mais successo.

— O Patriotismo dos Negros nas Possessões Portuguezas; a onze escudos o kilo.

O Peres que tinha medo que as lojas fechassem, pois queria comprar café, fallou d'um ministerio que vinha e que era novo, como tudo que começa ou que recomeça.

Pires disse que todos os ministerios novos eram maus mesmo quando a melhor das vontades os conjugassem. Que a sciencia administrativa se adquiria com o tempo, mas, administrando, como todas as aprendisagens para serem praticadas.

Que um homem d'estado d'uma intelligencia normal e sem competencia, devia forçosamente adquiril-a ao fim de dois annos de pratica. Que quanto mais tempo decorresse, maior seria a competencia. Que nada se faria sem tempo, sobretudo o talento.

Peres arriscou:

— Mas, a politica.

E Pires continuou:

— Todos os males são neccessarios. Ha comtudo alguns, hoje, perfeitamente inuteis.

Na flora, a grainha da uva, fructo que se

reproduz por estaca, e, que nos engasga. Na biologia o appendice, util somente para a nutrição herbivora do homem primitivo, e, que nos molesta.

Na sociologia a politica é não sómente o mal mais inutil, como o mais espantoso, por ser volivel.

E' egualmente um tormento para aquelles que voluntariamente o despresam, porque como é uma resultante da imbecillidade é sempre barulhento e hostil.

Para os homens de paz que o despresam este mal torna-se tormenta. Que a elle queiram fugir, é tão natural como ver um caminhante sob um sol d'estio procurar uma sombra e uma fonte.

O que é admiravelmente mysterioso é que essa desdita seja por livre arbitro procurada. Que se possa não ser feliz no bem estar e na quiétação.

E' uma deshumanidade.

E' humano que uma mulher amorosa e sensual sinta voluptuosidades nos maus tratos do amante, ou até vice-versa. Que o gatuno

arroste com os perigos do carcere, assaltando para se prover.

Que se beba. Que se seja altruista, frascario, crente, vicioso, e, até heroe. E' sempre ser egualmente humano, ou tristemente, ou alegremente ou bellamente.

E abdica-se do bem que a vida nos dá e que é feito já de fel; correndo em massa que como um gado repellente, para provento d'um unico soba, o qual nem sequer lhes pode pagar, porque nada consegue compensar uma paz perdida, o que é desolador.

Pertence ainda á categoria dos humanos aquelle que pugna por uma causa com um fito intelligente e pessoalmente pratico.

Continua ainda a ser d'uma tal protecção individual que marca até uma admirativa reverencia.

Mas os pobres diabos que tudo immolaram para nada terem! Os pobres comparsas mais grotescamente lamentaveis que os compadres da dansa da bica, continuam eternamente a sua esfalfante cégada, sobre as lamas, ou, insulando-se aos calores.

O bem estar foi sempre possivel ao homem, quando este tenha a dita de possuir todos os sentidos. Não ha nada de mais desconsoladoramente triste do que ver um cego tacteando o apoio dos muros, ou debruçando-se sobre um instrumento para ganhar a vida ou attenuar a falta da maior ventura: os olhos, emquanto um outro sadio, gozando de todos os bens da vida, em vez de os aproveitar os faz perigar nas lides dos motins.

O bem estar material é hoje acentuadamente possivel, quando o genio dos inventores lhe deu o soro que lhes estimula as forças ou que os precave das epedemias; o automovel que o conduz ligeiramente; o telephone que lhes poupa as caminhadas; a anesthesia que os adormece e lhes mata a dor physica.

Aquelle que soffre voluntariamente é um pobre ente perante o qual s'exita entre a piedade e a chibata. Porque, a justa correcção ás creanças é por vezes o seu maior bem.

N'esta altura um sugeito grave e da provincia, pediu Montaigne, mas Bacamarte, sempre na sua voz forte, disse-lhe que já se não usava.

Depois d'um grande barulho em que ambos disseram egualmente coisas inuteis, o sugeito da provincia sahiu, livido e, atraz d'elle, Peres, com a mala para comprar café.

O D. Margarida, agora, que tinha que defrontar-se a sós com Pires, dizia a este que estava d'accôrdo, comtudo, esperava dias melhores:

— Dias melhores, amigo Pires.

Uma senhora ingleza, que fallava com os queixaes, e que estava na loja, começou dando mostras de desassocego, porque via correrem na rua homens esfarrapados e descalços, que gritavam: a bordoada,... a revolução,... o canhão, a bomba...

Esta senhora conhecia alguns vocabulos portuguezes. Mas o D. Margarida informou-a logo, em mau portuguez, para ella comprehender melhor:

— Ser boys que vender jornaes.

Estes jornaes, segundo elle, annunciavam um acontecimento importantissimo á ultima hora: a suppressão por lei dos pontos nos ii, para economisar tinta.

E a senhora, que não tivera percebido, notava que estes homens prediziam todas estas calamidades, por entre a turba que circulava indifferente e lenta. Não se admirava, verdadeiramente d'esta placidez, porque tivera já notado em Lisboa outros contrastes singulares. O seu medo e o seu error eram justificados.

Ella tinha visto os naturaes pelejarem continuamente; baralharem-se, formarem nucleos aguerridos, para baterem uns nos outros sem saberem porquê. Um dia vira mesmo um pobre homem ser zorrado, por se ter permittido dizer que não gostava ou d'uma cantarina, ou d'uma comica famosa.

Ella sabia egualmente, que sob o doce clima do sul tivera iniciado a sua lesão cardiaca, pela atroada, durante algumas noites, de morteiros, morteiretes, petardos e foguetes ensurdecedores. De manhã cedo. depois de muito ter soffrido foi informada, com todo o seu espanto, de que se tratáva apenas de festa, quando ella suppozera, habituada aos silencios do norte, que se tratára d'uma conflagração atmospherica.

E ficou boquiaberta, quando soube que toda essa tempestade voluntaria, custava muito dinheiro, sobretudo depois de ter ouvido sentenças passadas á luz da vela, e, ter assistido a curativos nos hospitaes de chapeo aberto, por causa da chuva.

Ella dizia tudo isto a Pires, tão naturalmente, como se descrevesse uma parada militar no Tahiti, com generaes de chapéo armado e sapatos de trança.

Egualmente dizia não se admirar que a mendicidade fosse o emprego mais rendoso porque era o unico isento d'impostos.

Pensava aprender a lingua de Camões, mas, uns diziam-lhe que este celebre nome s'escrevia com K, outros com C. Ella partiria para o Brazil, a estudar esse idioma cuja riqueza dorme empoeirada nos diccionarios, desde a morte de Souza Monteiro, Fialho e Eça.

Ella não estranhava tudo o que via e ouvia; como podiam os indigenas perceberem-se uns aos outros quando fallavam? Pois não diziam elles continuamente:

—Você percebe? Você comprehende-me?

Bacamarte fazia bom negocio. Muita gente entrava e sahia.

Pires procurava um livro.

O Marido da D. Margarida lamentava profundamente o que dizia a dama ingleza e estava rubro como um tumor adusto. Porque elle era ostentante de patriotismo e odiava os hespanhoes, por causa d'Aljubarrota. Sua mulher a quem elle, mais do que nunca, se sentia umbilicalmente maridado, presidia uma liga para o renascimento das pucaras de barro e dos cassoilos de Paranhos. Em sua casa abundavam as chitas que se fabricam em Manchester. Dona Margarida era, alem de regional, muito caridosa. Dirigia a «Açorda dos Humildes», de que era secretaria. Naturalmente, desde então, os pedintes augmentavam progressivamente, porque eram alimentados.

Bacamarte. junto ao mostrador, raivento e barbinegro, garrindo-se d'energia, sentia-se à vontade, e, fallava sempre muito forte;—tresentas grammas de «Confidencias d'um tio».

Dois kilos do «Manual do Toireiro». Kilo e meio de Pierre Loti...

Apezar do seu aspecto agressivo, jubilava.

Como era um homem muito energico, ficava esbofado se tivesse que fallar em voz baixa. Era além d'isso muito varonil e chibante, e, não tolerava maneiras brandas, o que seria uma hypocrisia e uma affeminação.

A dama ingleza sahira, deixando o Marido da D. Margarida de rosto pendido e com trez queixos chorudos e apertados contra o collarinho.

Pires, percorria indifferentemente um livro de fabulas onde na capa, sobre um prado, corria um veado seguido por lebreus e umbrós.

Entravam mais freguezes; um, um ephebo, comprou uma porção avultada de metaphoras. Era o que mais se vendia, dizia Bacamarte.

Depois, este conceituado commerciante dirigiu-se a algumas pessoas, energicamente, como que se estas o podessem contrariar, apezar d'estarem mudas de mêdo, e disse as muitas vantagens da sua industria:

—A graça dos livros sôbre as mesas! O

seu poder decorativo, contra as paredes! A importancia de sugarem nas prateleiras as humidades... E a insomnia; esse terrivel mal? Eu quando não posso dormir pego logo n'um livro, dizia elle.

O Marido da Dona Margarida approvou; comtudo, gostava muito de Julio Diniz. Era bem portuguez. E, olhou maliciosamente Pires.

Tinha para com este uma rixa antiga.

Pires um dia, ao entrar-lhe em casa, viu uma cadeira d'espaldar e classificou-a de Chipendale. Como lhe asseverasse que o estylo D. João V nunca existira, a não ser pelo facto de ter sido copiado, ou para Portugal ter vindo, como em todos os tempos vieram, as faianças da China, os proprios chineses e o colorau, apesar de, por esse facto, não terem perdido a sua origem, o D. Margarida alterára-se. Pois se bem que conhecesse archeologia e historia, era, acima de tudo, um bom portuguez. E, nunca perdoára a Pires.

Peres voltou, socegado por se ter provido de café, e, movimentando-se, para annunciar um acontecimento:

—A grande novidade não eram os pontos nos ii. Constava que o Dafundo tinha proclamado a sua independencia.

Elle não sabia bem, porque os seus ouvidos eram tão affeitos ás noticias que as transmittia ou imaginava inconscientemente.

A sua imaginação sendo limitada, quando se sentia escasso de motivo, dizia sempre ao parar deante d'algum conhecido:

—Então que me diz a isto? Isto vae bem.

E se o outro, que o ouvira dizer a mesma coisa desde muitos annos, se não interessasse, elle resumia oracularmente e com pessimismo:

—Está bem; espere-lhe a pancada; espere-lhe a pancada!

Tinha egualmente o habito de dizer o que todos sabiam: —E este calor! E esta chuva! E este frio! Etc...

Quando Bacamarte ouviu fallar no Dafundo correu para o Dona Margarida; sacudiu-o pelo hombro, como quem diz: —aqui estamos; e, mandou fechar a meio pau. E a porta ondulada desceu quase até ao fundo da montra onde estavam expostas trez obras de

sensação: «O Manual do Critico nas Artes, nas Lettras e na Cosinha», «Methodo de Poesia», «Iconographia do Primeiro Guarda Freio de Lisboa»...

Pires continuava entretido com o livro de fabulas, e, mostrou o seu desgosto para com uma população cujo patriotismo se manifestava unicamente perante motivos belicos ou inuteis.

—Porque, dizia elle, quando a colheita dos cereaes era grande e os lavradores se cansavam rolando a rasoura sobre o cogulo das medidas, ninguem manifestava um appreço. E comtudo, do campo, onde os homens desconhecem o patriotismo, mas, sentem qualquer coisa mais superior e que é o amor da sua terra, veem os vinhos cujas vinhas elles desemparam beneficamente.

Do campo vem o pão, a lã dos gados tosados, a argila das telhas que dão ao homem o alimento, o agasalho e o tecto.

Ninguem louva um administrador probo que cumpra o seu dever, um medico que consiga pela sua sabença e pela sua consciencia salvar uma vida; um policia, que, me-

diocremente pago, s'exponha aos elementos para guardar os bens alheios... E' mais admiravel ser por vontade guarda de segurança, d'onde, d'uma coragem provem um bem irrefutavel, do que sendo heroe, realisar um feito despendioso, theatral, e, de fim ruidoso e esteril.

Não devia espantar que um heroe fosse heroico porque o heroismo é a sua razão de ser, como a do cosinheiro é nutrindo, ou a do barbeiro barbeando. Os pequenos valores tornam-se tão habituaes como os grandes disparates.

O artifice de Portugal, adaptavel pelo seu talento e pelo seu geito a todas as industrias e a todas as artes, é como que um ente apagado, de quem se não falla. O seu mérito não tem apotheoses para o vulgo.

Nos tempos iniciaes da sociedade, quando o homem temia mais do que raciocinava, só conseguia encontrar na caverna, um sitio seguro, depois de ter rolado até ella a grande pedra que foi a porta inicial. Se n'esse tempo, e como hoje, os homens, temendo-se uns

aos outros, um d'elles se dispozesse, pela remuneração d'uma lanugem ou d'uma maxillar de grande animal, a policiar o somno dos habitantes, teria sido considerado de tótem e de magnifico. O que esse homem faria, faz hoje o guarda civico, e, quem ousará rodear todos os guardas que o mundo contem com o appreço que lhes é merecido? E' apenas uma questão d'abundancia, o que egualmente faz admittir sem rebuço a terceira sobrancelha do Peres, os chapéos de chuva e os ministros da Marinha que não nadam.

Emfim, Pires detestava a inutilidade, e, como agora pegasse n'um diccionario dos principios do seculo XIX, os seus olhos cairam sobre a palavra socialismo: — Systema politico em que é considerada a producção como propriedade do trabalhador e do productor, pelo que se propõe uma profunda reforma social.

Pires leu tudo isto tristemente e naturalmente. Apezar de ser um livre pensador, foi, impellido por uma razão directa inspirada n'esse vocabulo, a procurar um outro: fraternidade:

— Parentesco d'irmãos entre si; convivencia

intima, affectuosa; estreita harmonia; amizade.

Depois, fatigado com essas duas desillusões já bolorentas nos diccionarios antes da sua ligeira vida, abriu ao acaso um livro sobre a historia do homem, e, leu: — O medo foi o primeiro sentimento humano. O homem era para o homem uma presa, sobretudo quando lhe rareavam os alimentos.

E Pires pensou que fora de facto esse sentimento que determinára os habitos do homem.

Quando dois homens s'encontravam, n'esses durissimos tempos, olhavam-se, grunhiam, e, depois, levantando os cajados de que andavam munidos, batiam-se. O vencedor comia sempre o vencido; a não ser que a peleja fosse causada por cio.

Quando comtudo s'encontravam, e, os seus corpos não eram carecentes nem de sensualidade, nem de nutrição, arrojavam os varapaus e davam-se as mãos. Foi esta a origem do apêrto de mão. Mas esse habito é hoje deturpado, como deturpada a saudação de dois homens que mutuamente tiram o chapeu da ca-

beça; por que isto vêm do costume medievo de levantar as viseiras dos elmos, para que dois guerreiros se fizessem conhecer um ao outro, encontrando-se, ou na amizade ou na horde. Este habito é egualmente hoje muito deturpado.

Pires não estava contente com o regimen, e, julgava que o que podesse vir era exactamente o que tivera sido, sem se lembrar que a republica, que fora a forma inicial politica da Grecia, era hoje considerada de modernissima.

Pires, apezar de livre pensador, porque não admittia que se não fosse «nada», tinha horror ás novidades.

Tornou a pegar n'um livro de fabulas; abriu e começou lendo:

Era uma vez uma velha e um burro, ambos muito velhos. Era no tempo em que os animaes fallavam, e, na velhissima ilha de Samos.

O pobre burro cujo pello tivera cahido com os annos, estava sempre coberto de môscas.

Se bem que relativamente ágil nunca as sa-

cudia. A sua velha dona então, uma vez, perguntou-lhe a razão da sua inercia.

E, este respondeu-lhe que as môscas que o tinham sugado, não podendo sugar mais, evitariam que as novas que viessem, famintas, n'elle pousassem.

A velha então, como pelo seu casal passasse o déspota da ilha, que tinha mui má fama, correu ao seu encontro, offereceu-lhe um ramo de giestas e desejou-lhe uma longa vida.

Como o déspota se admirasse a velha disse-lhe:

— Teu avô era ruim, teu pae peior, tu, peior ainda do que os dois. Eu desejo-te uma longa vida, oh! rei!

*

* *

Com a noite descia um tenue nevoeiro. Começaram alumiando-se as ruas.

Como um tiro, impetuosamente, uma senhora entrou, ouvindo ainda a leitura de Pires, o qual conhecia. E assim que este ter-

minou, começou logo jaculando uma condemnação. Tudo que dizia eram homilias.

Enfitada e ennegrecida pela felugem da neblina, reprovou com auctoridade essas legendas banalissimas.

Não admittia que s'escrevesse sem altos pensamentos. Desprezava toda essa litteratura impunivel, que devia ser só «como uma claridade campesina e salutar».

Censora de costumes, um dia, brandiu de tal forma o seu guarda-sol, à beira-mar, no mez d'outubro; soltando de sobre a areia um tal caritel, um tal grito de soccorro, que, o barco salva-vidas esteve prestes a ser lançado ao mar. E os gunchos ribeirinhos voaram apressados.

Mas o cabo da sua sombrinha brandido como um hastil de lança, accusava apenas uma alma energica que não perece, mas, que assiste a uma immoralidade que ella, com o seu montante de varetas corrigirá, tal o immortal heroe de Cervantes, indo pelos caminhos do mundo, de lança aguerrida, para desfazer enganos de muitos seculos; com mais gana

para pelejal-os, do que manha para suppor-tal-os.

E o que era finalmente, que assim esguedelhára e enrouquecera esta senhora, perto do Oceano?

Os banhistas feculentos que maganeavam impuramente e que ella obrigou, desde a sua presença punidora, a usarem calças de panno sobre os fatos de banho.

Quando se retirou d'essa praia, tinha a noção de que legára uma obra á posteridade, além de tantas outras que já tinha, pois era respondente a todos os argumentos.

Como nas horas vagas se dedicava a escrever carmes bucolicos, tradicionaes e morigeros, passou a adoptar o pseudonymo de Parra.

Porem, desde a sua retirada deu-se um facto muito lamentavel; e, foi que, todas as senhoras que até então, sob o abrigo das lonas, se dedicavam a trabalhos d'agulha, ficaram suspensas, perdendo malhas, esgazeadas para a agua, afim de curiosamente verificarem se a moral era acatada.

Uma houve até, que um dia, pensando nos

seus deveres domesticos, se agitou e desmaiou ao ver umas pantalonas pendidas d'uma corda, a seccarem.

E foi assim que a folha da vinha, de verde esmeraldino ou de loiro veneziano, que servia para coroar os heroes, para symbolisar a abundancia, e, cantada por Virgilio, perdeu pela moral a sua sadia reputação.

Como synonymo, a moral é a sciencia de regular os costumes segundo o honesto e virtuoso; e, a honestidade e a virtude são como as dentaduras nas boccas: servem para mastigar e para morder, segundo a necessidade.

Com a critica dá-se um facto bem mais curioso. O censor é o que julga segundo as regras da critica; quer dizer, nem mesmo segundo elle. É um pessimista filiado que quer rir-se mas não pode porque é pessimista. E' um modo de vida, um emprego, uma especie de Delegado do Ministerio Publico, com maus proventos.

Assim, nunca sabemos bem o que diz, ou se até quer dizer seja o que fôr.

Era por esse facto que Pires, quando a se-

nhora lhe fallava de pensamentos altos, não estava certo se não seria aeronautica; porque os pensamentos não tendo nem latitude nem longor, não podem medir-se como as fitas decorativas da senhora dos carmes.

Pires tacteára a sua face esgaivotada e macerada. Perante a auctoridade da senhora, lembrava-se de muitos annos antes ter feito um drama para o theatro. Ninguem lho tivera acceite, depois de se ter esbofado pelas caixas dos theatros e as administrações dos jornaes.

Então, teve uma ideia genial; escreveu a um barbeiro que tivera conhecido na Escocia, pedindo-lhe uma concessão para traduzir uma peça que elle barbeiro nunca tivera escripto, naturalmente.

E a peça foi acceite, e, foi um successo, se bem que um critico muito lido fizesse algumas observações sobre erros de traducção.

Chamava-se Os Comicos, e, por um acaso passava-se em Lisboa, como poderia decorrer em Londres ou nas Honduras.

O primeiro acto dava o proprio traductor

amentando-se a um amigo sobre a má vontade dos emprezarios para com os auctores nacionaes.

Pires nunca foi processado, porque ninguem acreditou que de facto o auctor não fosse Smith, cabelleireiro com diploma por ter aparado o cabello ao Presidente da Republica d'Andorra.

*

* *

A dama iracunda, era como as furias dos latinos, ou as eumenides dos gregos, encarregadas d'atormentar as consciencias culpadas.

Tinha sómente um chapéo de chuva a mais, em vez da lacerna com que se precaviam dos aguaceiros esses monstros antigos.

Como elles, julgava fecundar a terra com as suas virtudes. Era tal a riba alcantilada que serve de barreira ás ondas enfurecidas, mas, que as torna cada vez mais altas pelo embate. E, assim, as ondas voltam muitas vezes; sempre encapelladas.

A presumpção foi de todos os tempos uma

pessoa com os dois braços esquerdos, quer vestisse a opalanda clássica, ou a barba de baleia do século XX.

Foi pela presumpçosa incapacidade que toda a velha civilisação se desbaratou. As artes, as lettras e a legislação, ficaram sendo pertença de todos. D'ahi o barbarismo decorativo das artes christãs e byzantinas, onde todas as Virgens são macrocephalas.

Foi pela incapacidade que voluntariamente se destruiu o grande archivo d'Alexandria, cujos enumeros e preciosissimos pergaminhos continham toda a sabedoria d'esses grandes douctores que foram os ptolomeus.

Foi ella egualmente que levou os apostolos e os patriarchas, no Egypto, a collocarem cruzes sobre as columnas mónólithicas, e, que eram apenas symbolos da perpétuação da especie.

Louvaram a verilidade, sem o saberem, como egualmente ignorantemente a condemnavam. O proprio banho era um peccado.

E esses peccados, são como os affeites, esses ornatos ou atavios affectados contra c

natural; como a castidade imposta com acidia, no sacerdocio, sem estudo ou conhecimento de compleição. Como o bigóde do Peres ou a môsca do D. Margarida; como emfim todo o dédalo que atulha a vida.

Foi a presumpção aristocratica que corrompeu Aristophanes, obrigando-o cégamente a indignar-se contra Socrates porque este mantára bacellos, e, contra toda a origem modesta dos chefes da democracia. Elle era um conservador pamphletario; e, portanto negava o talento d'Hyperbulus, por este ter fabricado lanternas.

*

* *

N'esse recanto escurecido, Bacamarte permittia que algumas cadeiras de palhinha acolhessem os que nada compravam, e, que, como Pires e outros, formavam para a marcha dos negocios uma decoração sem encargos monetarios. Pires mesmo tinha influencia nos jornaes. O D. Margarida egualmente. Um livro que a mulher condescendesse em entre-

gar n'uma redacção corria o mundo enumeras vezes impresso.

Dona Margarida era rapida em todas as suas acções. Bastava-lhe meia hora. Ella não semeava com perfidia as discussões pathéticas que dão causa aos argumentos envenenadores. Possuia o condão de fazer tudo tão naturalmente e de tão grande enluviada, que facil e esquivosa, interessada e indifferente, impedia toda a gente de formular sobre ella uma opinião segura. E é a nossa opinião sobre os outros que lhes faz exaggerar os seus dons e os seus deffeitos.

Ella estava longe de ser como as druidizas consultando os astros; formando horóscopos e predizendo o futuro pela inspecção das entranhas das victimas.

Quando por vezes o marido lhe fallava d'um novo livro a patrocinar, citando-lhe, por um decoro habitual o seu valor litterario, ella dizia:

—Está bem, lá vou. Deve ser como os outros, uma massada.

Considerava todos os homens egualmente aborrecidos. Como se precavera sempre con-

tra todos os discursos d'estes, nunca soffrera influencias.

Depunha a sua golpêlha de costura; e, deante do espelho, olhava as suas carnes tocadas ainda de frescor, sem entumecimentos superfluos, tal a vardasca flexivel dos vimes.

Os seus cabellos que tinham essa côr indecisa que esconde as cans, enrolavam-se fartamente da nuca até ao alto, dando ao pescoço a gloria que a Biblia cantou á mulher, e que depõe na sua posse mais um desejo: o da intimidade que os soltará para ogivarem sobre a brancura do leito o rosto que se offerece; as mãos que o apartam, para desconfundir as duas cabeças que se unem.

Então, por detraz d'uma pilha empoeirada de livros, emergiram uns occulos, uns olhos candidos de myope, um corpo sem consideração.

Era Canella; um philosopho deselegante e triste; edoso e que professorava n'um yceu.

Canella sabia vêr no coração esbraseado

dos homens pois cedo se agermanára com afinco á observação.

Como qualquer outro sentira o encanto mysterioso das formas animadas, e, esse arrepio que sentem os amantes e os poetas. Mas, desde os seus annos enthusiasmados um destino logo o emmudecera: a timidez peculiar a todos os que raciocinavam sobre os instinctos e sobre as doutrinas.

Passou a ser desapercebido como o proprio silencio. Não tinha audientes; fallava pouco. O seu mutismo era feito de commoção.

Se o homem era de todos os entes o que pretendia esquivar-se ás solicitações da natureza, elle via em todas as religiões a consagração d'essa loucura eterna. Chamavam-lhe impio.

Comtudo, n'esse domingo ultimo em que tudo brilhava sob um sol de primavera, dona Eva, a esposa, de papelotes, resingueiramente lhe communicara (como sempre) a proxima hora da missa.

A mulher considerava-o um choramigas, e lastimava-se sobre os transportes do seu coração juvenil que tão mal o escolhera.

Canella possuia a consciencia cruel d'essa verdade. Sabia que a mulher conduzira sempre o homem á sua perdição.

Temia todas as mulheres, justamente pelo prazer que davam. Era por esse facto que se tornavam perigosas.

Porque elle só podia ser acolhido pelas de fraca concorrencia: as feias. E estas representavam para elle um perigo bem mais consideravel.

O amor d'estas era desesperado, e, o amor das outras um simples detalhe temivel.

Só se é avaro em riquezas materiaes.

Ellas comtudo tinham sempre um implacável determinismo presidindo a todos os seus actos.

E quando, pela tarde da vespera, sob as arvores, elle viu, contra o sol avermelhado, ao fundo das avenidas, destacar-se uma forma que lhe era familiar, pousou n'ella os seus sentidos.

Era Philomela a estanqueira que voltava de vesperas. Caminhava com affectação. Com essa affectação que dá aos annos mais um infortunio: o grotesco.

E Canella sentiu prazer em se recordar que essa caricatura que agora effusivamente para elle avançava, fora uma rapariga por quem elle quase, na mocidade, se perdera d'amores.

N'esse tempo elle era já carcomido pela sua inacção e pela sua insignificancia physica. E ella recebera os seus sinceros louvores como insultos, deixando-se galantear por mocidades do bairro. Hoje, com trez queixos, e, rodeada de carnes, como um banhista fluctuando dentro d'uma boia, acolhia-o sempre. E, emquanto Canella peschisava alguma má lingua, alguma turbulencia domestica, assentaram-se n'um banco, escurecido pelos grandes carvalhos pagãos. Elle disse-lhe:

— Somos velhos amigos. Tenho sempre junto de si esse bem estar que nos dá a presença d'um companheiro ameno. Quando a vejo penso em todo esse tumulto que enlaça as formas humanas n'uma attitude violenta, que torna os casaes subitamente graves, as boccas das mulheres que são feitas para o sorriso e para os beijos, contorcidas doloro-

samente. Penso que o amor se confunde com o odio. Penso, como elle é banal. Como é bom aspirar o aroma da tranquillidade; viver sem desejos e portanto sem soffrimentos.

Mas Philomela a estanqueira que começára enchendo o seu peito de suspiros, disse-lhe que era uma mulher honesta. E Canella, sem considerar essa informação, continuou inaltecendo as suas mutuas edades:

— Ao pé de si, cara amiga, sinto esse bem estar que experimentamos na vida, quando na visinhança de prazeres innocentes, como as temperaturas e tudo que regosija a alma.

Mas Philomela a estanqueira, levantou-se apressadamente, dizendo com dignidade:

— Não era assim que o senhor Canella me fallava antigamente.

E Canella viu-a afastar-se penosamente sobre os seus tacões cambados, levantando os cotovellos a cada passo; como esforçando-se por aereamente aligeirar o seu peso.

Do mesmo banco levantára-se um azylado, arrastando-se, para recolher ao albergue. Tinha o fardamento da desdita, como os força-

dos. O rosto onde para sempre a esperança morrera era coberto já por um pouco de terra da campa.

Seria para elle um acolho, essa grande casa, depois da sua vida ter deslisado sem um afago? E então o azylo seria um lar, como para o pobre abandonado é um carinho a mão que ao dar-lhe esmola toque a sua?

E se era um velho cujo passado fosse contido no conforto da sua casa?

A noite descia sobre a alêa deserta.

Canella entristecido pensava no amor. Elle via que tudo, como o amor, não estava em via de transformação para o futuro. Tampouco o amor se transformára desde os Evangelhos até aos nossos dias.

Os conhecimentos das leis biologicas e sociaes não podiam fazer crear no homem emoções inapercebidas.

Em todos os tempos, tanto um homem como uma mulher pertenciam unicamente a si-proprios, e, só conseguiam dár-se a quem queriam, ou physicamente ou mentalmente.

Não era pelo facto d'uma mulher cortar o

cabello, ser notaria ou limpa-chaminés — ser livre — que absolutamente poderia obter o que os seus sentidos desejassem, porque para realisar amor era necessario que fossem dois a desejar.

Canella tivera sido sempre solitario nos seus desejos. Quando esta imperiosa connivencia fosse desnecessaria, poderiam então, entoar victoria todos os idealistas. Mas não seria facil, porque um ideal é sempre exaltado; sobrenatural.

E' como o magnifico deus Krishna dos hindous; pueril e vertiginoso. E, o bolôr caruncho so que o carcome quando feito de téca, e, o fungos humido que o mancha quando de pedra, de marmore ou de marfim, são apenas a sua edade, tal o pó branco dos caminhos esbranquiçando os cabellos dos vivos que muito andaram.

Mas estes jornadeiam, fixando sempre o mesmo horizonte, por entre o tumulto selvagem da humanidade.

Uns voltam ao mesmo sitio, dão muitas voltas, atraz sempre do horizonte.

Outros avançam pouco, o que é o mesmo, porque o seu fim é pararem, seja aqui ou alli. Todos se derrubam á mesma distancia do ideal, sobre a via tenebrosa.

Se elle muito ama e ella pouco, ella pode comtudo gosar da tranquillidade do conforto, da exigencia; ou até de saber-se amada, o que é um doce acontecimento. E este facto pode ser inverso, mas será sempre uma eterna prostituição.

Um amoroso e uma amorosa souberam em todos os tempos aquillo do que pathologicamente foram capazes. E apesar d'isso, um ou outro pensam:

— A tua gloria és tu propriamente, assim como o teu brilho. A fina pedraria brilha quando é ferida pelas claridades, assim como as estrellas brilham pelo negrume das noites. Eu não careço nem de te ver nem de te ouvir, nem de te tocar para sentir o teu fulgor. Basta-me pensar em ti.

O amor para Canella era um acontecimento tão desqualificavel, que, conseguia fazer, da dor lugubre de dois monstros rheunidos duas

verdadeiras virgindades. E em casa de Bacamarte, Canella que tevera relido durante muitos annos os livros que lhe eram fronteiros, não prestava ouvidos ás conversas.

Olhava a rua atravez uma vidraça.

O seu eterno desalento era augmentado agora pela impossibilidade d'um bem que lhe fora facil e d'uma fraqueza que lhe era constante.

Tal aquelle que sonha viagens encantadoras deante d'um bilhete da casa Cook, assim a sua imaginação despia por vezes um corpo, ao simples donaire apercebido n'uma mulher, á sua voz, ao mysterio da sua mão coberta pela luva.

Agora, vendo-as despidas, pela rua, com as saias pelos joelhos, como cantarinas de café concerto, elle que confundira voluntariamente as nymphas dos bosques d'Arcadia com as damas adoraveis das alcovas, sentia uma grande desolação. A desolação do que deseja encontrar, rebuscando uma papelada, e, sómente vê uma gaveta vazia.

Porque elle fora como as crianças e os

campesinos, os quaes frequentando pouco os theatros os imaginam sempre deslumbrantes e magníficos.

Canella sentia profundamente o pouco apreço que a mulher votava a si propria, desqualificando-se ao ponto de depor na sua nuca rapáda a intenção d'um sexo desviado; ou por vezes o macabro d'um craneo imberbe sobre o qual assente uma peluca por acaso, e, que lhe não pertença.

O homem educado para o desejo, considera por vezes a mulher sua conivente e sua amiga, não pelo que ella é mas pelo que ella dá.

Canella insensatamente admittia encontrar na mulher a illusão, a fidelidade e a perfeição, quando elle não deveria pedir-lhe mais que prazer.

E' apenas pelo desejo commum do amor que os sexos privam.

A velhice na mulher é a sua morte; é a perca da sua qualidade feminina. Eis a razão porque uma revolta melancholica as estremece com o avançar dos annos.

Só as mulheres d'excepção conseguem nunca envelhecer, por não terem sentido como razão absorvente da sua existencia, a garridice das suas prendas physicas.

Mas, não eram estas aquellas que naturalmente escaldavam a imaginação poetica do philosopho professor.

Canella lamentava-se muito, pensando comtudo que a mulher podesse reconquistar, com a sua endumentaria abastosa, a sua elegancia perdida.

Esperava para esse acontecimento, a intervenção da policia.

E então n'essa noite, Canella refugiou-se na sála; tomou assento na sua cadeira de Vienna d'Austria, e, afastando um buzio monstruoso de sobre uma meza, tomou nas mãos a sua anthologia. Fixou por habito a parede fronteiriça, com essa calma que lhe era peculiar perante a feeldade prevista.

Da cal amarellada destacára-se uma òleographia representando uma merenda sobre uma relva muito verde, com vaccas ao longe, pastando á sombra d'um campanario.

Como D. Eva entrasse, elle disse-lhe desusadamente as suas torturas visuaes.

E esta, passando a sua mão sobre um catalogo da exposição de Paris de mil e novecentos:

—Jesus que poeirada! Como podes estar aqui. Perdes o tempo a dizer disparates. Eu sempre disse que não tinhas sensibilidade. Ha quinze dias que eu cortei o cabello. Nem n'isso fallaste!

E de facto, elle então notou que a mulher tinha uma grenha hirsuta sobre a sua estatura impossivel de commentar. E, teve um grande temor, lembrando-se do jantar, que ella offendida poderia tornar impossivel de comer.

D. Eva para elle tinha o interesse physico que uma garrafa de litro pode conter de decoração. O genero era-lhe egualmente habitual e frequente. A mulher repetia-se aos seus olhos tão permanentemente como esses conteudos de litro ou de sete decilitros, inco lores ou coloridos que se veem sempre, vasios ou cheios, nas montras, nas mezas; dentro de cabazes.

E, como ella permanecesse na sala, e elle se encantasse com um epigramma, leu-lhe com uma voz carinhosa:

— Achrylis, a sacerdotisa phrygia soltava ao vento os seus cabellos sacros; e, com a sua voz profunda, entoando antiphonas e litanias, consagrava as suas madeixas á porta de Cybéle, a deusa montanhesa...

Mas D. Eva levantou-se; sahiu arrebatadamente gritando:

Basta d'insinuações.

Dona Eva dirigia a critica litteraria d'um semanario de bordados.

UM DESASTRE

UM DESASTRE

Era uma vêz um grande monte de livros empoeirados. Uns — os mais velhos — penosamente maltratádos pelas tráças e pelas mãos sem carinho; outros, os novos, mais precarios ainda, pelo abandono e a indifferença a que os votávam.

Havia dôrsos rubios e doirados, tocados de nervos finamente lançados. Havia capas simples, democraticas e industriaes, com o preço impresso, e, revelando os fios e os grudes. Havia encadernações vigorosas de coiros puidos; e, a rustiquez d'estas inspirava um poder feito de sabedoria e de condescendencia.

N'esta amalgama, tocavam-se as verdades discursivas — sem senso commum — com as disertações amenas; com a troça, com a piedade...

Mas eis que, em cima d'esta pilha, um pequenino Voltaire desmantelado, começa abrindo as suas paginas; restolhando-se, como a gargalhar; e os livros foram-se deslocando, cahindo, saltando;... sentia-se essa mólle derrocada d'onde se levantava uma poeira tenuissima agitada pelas borboletas.

E, do monte irrequiéto então, um livrito, affasta-se apressado. Era um tratádo do senhor Bergson.

Deixou-se derrubar a um canto, junto d'uma vassoura inutilizada, e, fez pairar das suas paginas phrases doutrinarias, confusas e longas.

Ficou-se esmaniando no seu sitio.

Logo a seguir, uma linda encadernação contendo os idyllios de Gessner, esbeltou-se no meio do quarto, e, logo, os livros todos: os piedosos, os revolucionarios, os espirituosos, os engenhosos,... começaram bailando uma sarabanda doidissima.

D'um grande in-plano de pergaminho, illuminado, de todos os entes perfeitos da côrte celéste, deslizaram os archanjos e os anjos, cheios ainda da potestade de Deus, e, começaram soprando nos frautins e nas frautas; ferindo com o árco a corda dos herbabos, pulsando os bordões das harpas eolias...

Então, todas as illustrações, as gravuras, os genios fabulosos das vinhetas antigas, os arabescos dos cartapácios orientais; todos se destacáram dos seus fundos quiétos e se baralharam, e se misturaram aos textos, cujas phrases e palávras se confundiam no espaço.

E as paginas de papyro, de pergamo, de papel, iam pouco a pouco ficando brancas e desertádas; e os livros aquiétavam-se á medida que se sacudiam, que expelliam os pensamentos e as formas.

D'um volume de feitos medievos, sahiam os icoglans — os pagens dos grandes senhores — sobrassando os alaudes afinados, e, punham-se a cantar ás castellãs hieraticas e pallidas, as velhas legendas da Terra Santa.

Os mésoneiros abandonavam as lebrádas

fumegantes e vinham, ao clamôr das trompas dos heraldos, saudar humildemente — da soleira dos seus albergues — os barões poderosos que eram seguidos dos falcoeiros, dos pagens loiros, dos escudeiros apressados que faziam estalar os estafins; dos palafrens das donas, dos capellães serenos, dos galgos airosos...

D'um livro de pastoraes onde, nas vinhetas dos arcos antigos cobertos de musgo a propria vegetação parecia decadente, a Grecia, n'uma egloga, dando-se as mãos a Amphitrite, surgida do mar proximo, cheia de solicitude maternal, fazia brotar á volta os calices de fogo dos lyrios rubros, pela saude das suas côres leaes. E a sua excellente belleza attrahia a si os grupos de Watteau e de Lancret, que vinham cheios de tons e de fontanges saudar as áras votivas que Racine alimentava n'um gesto antigo...

Vieram as filhas de Mènades, impudicas, ciosas, agitando as pinhas d'oiro á roda do carro de Bacchus.

E Athena fallava suavemente n'esse clamor

de palavras irrequiétas, e, era pouco a pouco rodeada de toda a estatuaria integrante e maravilhosa dos hellenos, sahida dos frontispicios dos velhos Atlas e dos tratádos d'esthetica.

E n'esse clamor, augmentado pelos musicos e pelas cantarinas do Rei Sol, a sua loquasidade brilhava e dominava. E a sua voz dizia:

— Assim como no Libano estéril se elevaram os cyprestes e os cedros, assim me ergui eu sobre o barbarismo das éras passadas.

E a minha lei e a minha arte foram todas feitas de belleza humana. Divinisei todas as paixões dos homens; reconciliei-os portanto, com elles proprios.

Pór sobre os horizontes escalvados estendi os meus braços protéctores, e, como o terebintho frondoso fiz diffundir perfumes de graça sobre a ignorancia.

E os meus perfumes eram como os do cinamono, como os do balsamo aromático e sem mistura; como os da myrrha escolhida. E no peito dos meus pensadores não se abrigou nunca a estulticia, mas sim a lógica, o bem o

bello. E da dança fiz uma educação nacional. E nos meus templos de porphyro, de marmore e de travertino, depuz os deuses que as mãos divinas dos esculptores embellezaram, ao lado dos homens, para que a sua protecção lhes fosse benigna e accessivel.

Este desastre passáva-se no sotão de Bacamarte e Companhia.

De repente porém, o gato da casa, que se chamava Ignacio, conseguiu introduzir-se no sotão, perseguindo um rato saltador.

N'uma confusão medonha as phrases e as formas, na sua pressa d'ordem, investem para as paginas, confundindo-se, misturando-se...

Levantou-se comtudo uma grande contenda entre um diccionario e um futurista. O primeiro insistia porque um melão fosse um melão; o segundo queria que fosse um piano. Por fim aquiétaram-se, porque uma phrase que se arrastáva ainda sem logar, seguida d'uma capitular quinhentista, lamentava-se dizendo:— o futuro não existe.

E justamente quando o diccionario começava defendendo essa palavra vaga, já a porta se

abria pelo impeto energico de Bacamarte, elle proprio.

E foi certamente por essa desordem orgíaca das lettras e dos desenhos, que as palavras que vão ler-se, construindo solecismos desqualificaveis, são tão néscias quão insupportaveis, em typos varios; os italicos encadeando-se sem razão graphica nos elzevires...

Eis pois, talvez, o error de reproduzirmos o que confusamente Canella encontrou n'um volume das cartas d'Euler, n'um tomo do «Manual das Viandas» de Gil Marmita; em trez páginas soltas d'um livro d'horas d'uma princeza da Alemanha. Eis o que inopinadamente se descobriu, e, que aqui se reproduz na integra. E isto é talvez muito lamentavel.

Canella leu: — Tudo o tempo nos leva menos o culto das imagens: a arte. Todos os prazeres carecem de connivencias mais ou menos custosas: a lubricia, o vinho, a amizade...

Sob o carinho tutelar da arte não se teme a solidão e, pode-se ser solitario; forte e livre como as aguias, e, não como os patos, que só vôam em bando.

A razão isola e destroe; que todos pois, os que raciocinam, apprendam a seguir o seu fado: solidão.

Só uma religião é perfeita: a da belleza, porque é a unica que é util ás maiores exigencias.

A fé não é estavel, mas a arte é eterna. A fé inspira a contenda; a arte concilia as ignorancias. Os amores fogem como as amizades, mas o pensamento, as formas, a musica, chamam sempre alguem: a saudade, vestida de leves melancholias ou coberta de crepes solemnes. São os dias que foram; são os dias que voltam; porque viver é esperar.

Uma vida onde houve um passado é uma data onde báila um crepusculo; e, as illusões adquirem plasticidades, e, tocam-se d'estrellas; e, nós vivemos outra vida, n'um verso breve, n'uma longa sonata ou n'um curto tonilho.

Ha sempre qualquer coisa de nós n'aquillo que admiramos. Os que não admiram não existem; movem-se apenas.

Velhos jardins d'Italia; doces outomnos

obrindo de fôlhas seccas os musgos das esta-
uas. Foi para nós que Céres sorrio amorosa-
nente, pendendo os hombros condescendentes,
ffertando as mãos pezadas de caricias.

Foi para nós que os gestos airosos sahidos
e Carrára, buscaram as suas poses requin-
adas, n'uma offerta gentil e classica.

Nós estivémos entre os sabios, na Eschola
'Athenas, vestindo as togas da eloquencia.

Nós fomos á Ilha dos Amores levados por
Vatteau, emquanto Weber tangeu as citharas
los deuses benignos.

Nós soffremos deliciosamente do deleite de
Santa Catharina, eternisáda por Sodoma na
elha Siena, e, resuscitada para o seu eterno
lesfallecimento amoroso, nos orgãos das gran-
les Cathedraes, ao som deslumbrante do ge-
nio de Beethoven...

Somos nós proprios que deslisamos nas pa-
ginas dos bellos livros...

Os aromas carnaes das verduras marinhas,
são, como que, a substancia dos sylphos; de
odas as vidas sylvanas das florestas legen-
larias.

Assim como o ruido do mar eternament
soa nas conchas; assim como o seu gosto sa
gado, bravo e áspero se encontra no sabo
d'um molusco, assim em ti amada minha, a
beijar-te, eu beijo a vida inteira.

Tomae fezes de prata; trez onças. Vina
gre branco, o melhor, uma onça. Sal, um
onça; agua da chuva, ou de cisterna, ou d
fonte, meio litro. Para a vermelhidão da car
que não é caparrosa.

A carcássa d'um sabio que adube uma ar
vore explendida, é bem mais util do que for
o seu verbo coberto de bolor, pelo escabicha
dos archivos.

A humanidade nutre-se de mortos; a vid
é cheia d'economias. A morte é a razão de se
da vida, como a sombra é o brilho das clari
dades.

A creação: o passado social ou moral
apenas um jugo intransigente; e, a ella esta
mos todos nós immutavelmente jungidos.

Nem sempre um calmo céo diurno nos tra
o repouso da sua serenidade, mas, o céo da
noites, ou negro ou estrellado, tem sempr

ma cumplicidade d'echo, de chamamento ne-
luloso que occulta as coisas para que estas
elhor sejam vistas.

O melhor da humanidade é o somno.

Quando se consideram todos os polemistas,
adores, imbecis, prophetas, gritadores, agita-
ores... Todas essas creaturas que levaram
vida a fallar e a escrever, e, a protestar; a
errar; quiétos apenas durante o seu dormir
uotodiano, ha sempre uma grande piedade
ue nos enternece á sua evocação. Sente-se
edade, e tambem alivio; alivio, ao pensar-
e no que seriam todas essas boccas ruidosas,
e a tregua do somno as não aquiétasse, se o
lencio do tumulo as não emmudecesse!?

A terra bemdita e prodiga onde as activi-
ades germinam sabe tambem encher de
lencios as boccas pueris.

D. Eva tinha lido tudo isto e não gostou.

Disse:

— Tudo isto se mistura na ancia do neolo-
ismo.

Dona Eva que era critica litteraria d'um
rnal de bordados, gostava muito d'usar:

neologismo, libertario, etc... e, possuia uma phrase que lhe era tão habitual, como a sua virtude: — moral e arte.

Julgava isto um conselho salutar. Dava-se a ella propria como exemplo.

Como os seus pés de joanetes a fatigassem assentou-se.

Para ella, neologismo que vem do grego *néos*, novo, e, *logos*, palavra, ou seja, innovação, eram todos os vocabulos que não conhecia.

E quando o marido lhe assegurava que carlinga, niquilidade, esgaivotado, etc... eram palavras mofentas e veridicas nos peiores diccionarios, ella retorquia:

— Eu sei muito bem; *néos* vem de novo. Tudo isso é novo para mim. São neologismos.

E continuou:

— Além d'isso ha erros de grammática.

E, emquanto ella se desalterava olhando o seu rosto ao espelho, Canella pensava, que, todo o livro em Portugal continha erratas, o que para elle significava magua, mas, para sua esposa o dom da sua philologia.

E Canella olhou D. Eva com admiração.

D. Eva não gostava d'assumptos classicos. Ficava sempre alarmáda. Considerava portanto esses assumptos incompativeis com a electricidade.

Teve mais um ensejo para esmagar o marido:

— Só me trazes lixo para cása.

Mas, aproveitou algumas páginas para ferver um chá apressado, n'uma bailarina de folha.

As paginas restantes desappareceram no exgoto salutar da cosinha.

E assim acabou a sarabanda dos livros. Acabou, na impossibilidade de se lhe dar um fim energico e consciencioso.

Diz-se: assim acabou; como egualmente se considera acabádo tudo o que o nosso contacto tenha esquecido.

UM CONTO

UM CONTO

O pensamento, como o vinho, devia ter sido creado para regosijo e não para embriaguez. «Devia ter sido» era para Canella uma grande irritação.

E como elle não dormisse, n'essa chuvosa noite, logo após o jantar, no leito, ao lado de D. Eva adormecida, ia pensando:

— O destino é como todas as perduraveís razões da vida; uma forma latente de continua certeza e d'immutavel designio: existencias que se agitam pela denominação do instincto, boccas que theorisam pelo dom da eloquencia. Sabedoria ou ignorancia, egualmente emmudecidas pela terra das campas.

Seja pelo conforto dos bens, pela luz do que julgamos ser verdadeiro, pelo deslumbre da gloria, o homem caminha atravez do seu mandato, da infancia á velhice, estendendo as mãos para cinjir o seu phanthasma ideal.

Depois, tropeça no silencio do tumulo, no dispersar dos tempos...

Como nasceu para acreditar e para servir, o seu fanatismo nasce e vibra, não das verdades mais demonstradas, mas das illusões mais bellas.

Toda a illusão é arte; toda a arte uma suave ironia de bello conforto.

N'esta terra, que nos alimenta de pão, de vinho, de ideas e de crenças, a carne nascida para o macabro do desejo, para a humildade da obediencia, para o desastre da dôr e dos annos, é pela arte glorificada nos seus rarissimos momentos formosos: de repouso nobre, de graça morosa, de saude esbelta.

A castidade abandona a sua ignorancia parva e medrosa para ser um pudor consciente e gentil; e, o amor, não é simplesmente o cio feroz, unico como a morte e a fome, unificando as

condições; é tambem uma parada de requinte, uma benevolencia de seducções.

Toda a arte é ironia, toda a ironia é arte.

Sem essa arte, sem essa ironia, a amizade seria uma connivencia mercenaria, o desejo uma sede fecundante, o ciume, um mêdo animal, o soffrimento toda uma miseria sordida, o denodo uma inconsciencia perigosa...

D'um clamor pavoroso a arte faz uma symphonia onde a dôr é sempre grave, a forma sempre bella; não sómente pela pureza do fabrico, mas pela elevação do thema.

D. Eva respirava musicalmente.

— N'esta epocha nossa onde a critica pessoal abandona os homens a um estado d'imbecilidade contagiosa, endemica, portanto prolifica, porque a incapacidade, a maldade e a inutilidade são sempre como os flagellos, fataes e abundantes, a noção da belleza resume-se apenas n'uma latente demonstração Kaffre, cheia de batuque grotesco e de guincho atroador.

Nos nossos tempos a rareza d'amabilidade

molha sempre de suor, n'um esforço penoso, as raras frontes que se inclinam sem ser para cuspir.

A ironia, que para os espiritos cynicos ou incultos parece excluir de si toda a bondade, é comtudo mais do que bondosa, pela constante piedade que a orna. Se ella for um individualismo, será uma lei de protecção geral, porque o bem que se dispersa nos collectivismos só pode imperar nas selecções.

Se ella for uma heresia, poderá ser até uma zelo silencioso de fé; a prece? Quem somos nós para ensinar? Quem é Deus que apprender possa?!

Ella não nega á estima, a sinceridade de tudo o que é sentido, porque emquanto houver belleza no mundo e vista nos olhos, os homens serão sempre dominados e inconscientes; enfermando das sensações colhidas das côres, dos sons, das formas...

Toda a moral cujo fundamento se perde nas edades dos mysterios antigos, não conseguiu reger os homens conduzindo-os para o mundo ethereo das ideas, porque a razão humana, o

instincto, e o sexo, trepidam no mundo imperioso dos sentidos.

A maior riqueza moral do homem assenta nas continuas paixões que o agitam; são ellas a causa da lei e a causa da doutrina.

D. Eva acordou e zangou-se porque o marido não dormia.

—Quando, cobertos d'alcatrão, em toda a Bretanha, os condemnados pendiam das fôrcas, á beira das estradas, a justiça da Rainha limitava-se, não sómente a punir crimes, mas a evitar delictos; a virtude foi sempre medrosa...

Desde o latego dos pretores aos presidios das democracias, é só esta a unica forma de liberdade concebida, emquanto o homem naturalmente—sem que por isso seja criticado—desejar tudo que veja, um padrão ameaçador será sempre um incentivo caridoso á intelligencia das praticas honestas. A honestidade como o talento são quasi sempre feitas d'habito. Foi assim fundada a moral nos tempos sem memoria, assim tem sido nas epochas despóticas; assim é nos dias fraternaes

E emquanto o homem sempre dominado pelo mêdo desloca os seus musculos e arruina a sua larynge saudando a Liberdade, o senhor Diabo, creado pela sua imaginação fecundante — depois d'estabelecer entre os venerandos anachoretas a virtude de fugirem ás suas tentações — esvae-se suavemente, n'um vago de lenda, esboçado apenas no sorrir piedoso da comprehensão.

Entretanto o homem, na incapacidade collectiva da quiètação, fraternisa-se para mutuamente attingir um despotismo mais vasto: fraternidade!

E' por isso que a piedade será sempre o mais divino dos sentimentos.

E' apenas pelo interesse que os homens justificam as suas acções; porque a bondade nunca deveria ser um dever quando é quasi sempre uma intenção cubiçosa, e, por vezes util.

Foi seguindo o criterio inalteravel d'uma vontade sobre muitas obediencias: lei, disciplina, liberdade e ordem, que as tribus foram guiadas para os continentes acolhedores. E'

seguindo esse criterio que os bandos das aves buscam as zonas precisas, as manádas dos antilopes os prados ferteis, os enxames das abelhas os troncos desertos e carcomidos...

E' a imaginação que ennobrece a eterna infancia do homem. Pegureiros, cabalistas ou santos; todos concebem os seus deuses ou os seus demonios.

Os infernos serão uma luz livída onde monstros atormentam almas. O Paraiso será uma sombra doce como a dos myrthos d'Academia.

Os seus idolos passeiam na natureza como Ulysses sobre as aguas. A sua crença será vehemente e pueril, o seu negar uma fé sem limites, emquanto, para todas as claras intelligencias, a duvida será continua, duvidosa, perduravel...

Como a tristeza é coherente com toda a possivel perfeição na vida, a ironia amenisou-se de clemencias, para dar ao erro a normalidade de todas as contínuidades. Ella traz então, na sua aristocratica complacencia uma dolorida magua e um profundo sentir. Porque, sorrir

por resignação consciente é como todas as obrigações raciocinadas: — a mais gentil das coragens; e, a coragem, como todas as defêsas, a mais nobre das luctas.

E' por isso que a piedade deverá ser para nós da mais affeiçoada reverencia. Para os espiritos concordantes o odio é apenas uma significação de lexica porque o ódio não cessa odiando mas sim comprehendendo; a comprehenção é pois a negação perfeita da sua existencia. D'essa protecção tutelar elevar-se-ha sempre um rumôr vivaz como a voz perpetua d'um festim. Ella é como o ouro, enalteravel e solar. A sua obra resplandece.

O entendimento enriquece-se sempre de thesoiros, como «o Euphrates que transborda, como o Jordão no tempo da ceifa, como o Gebron na conjuncção das vindimas.»

A noite era brandamente amiga, feita de eloquencias silenciosas e de penumbras sensuais. A noite é a alma da vida como o silencio é a voz do espirito. Ella é toda expressiva de quiétações extasiadas e de conciliações amenas.

Para os que amam pela sua mudez e pela sua treva, ella é como uma visitação gostosamente esperada e protectoramente ponctual. Vem sempre mergulhada n'uma prece luctuosa, mesmo quando a lua se ergue em todo o seu poder de claridade, porque o luar como todas as luminosidades, é o grande creador das sombras. O seu manto enorme, envolvendo os nossos locaes, apaga, confunde as aréstas, as tonalidades, as distancias, os conjunctos dos nossos horizontes familiares. Calla os ruídos perturbadores, e, afina a harmonia do perduravel afan creador da terra.

E' de noite que melhor se ouvem os elementos companheiros dos sêres: a chuva, o vento, a neve, o exuberar da flora..., porque tambem se ouvem crescer as plantas, subir as seivas, formarem-se os fructos.

A noite é a amiga do pensamento. É durante o seu fugidio e negro periodo que nós melhor ouvimos a toáda melancholica do recordar. E' durante a sua tranquílla connivencia que os corpos se unem mais amorosamente; a noite ama todos os que amam.

A completa escuridão onde ella lança os humanos, serve para mais aproximar os corpos quentes e àvidos que se unem. Se é quasi clara pela luz meiga das estrellas, orchestra então de phantasias e mysterios as formas que se enlaçam. Se é toda de brancuras lunares, para vestir de tons lividos, para empallidecer magnificamente as carnes dos amantes.

E Canella que não dormia sentia o pezo enorme do pensamento que o cingia como uma canga despótica. E o homem não queria pensar mas a Liberdade é um mytho feroz para inconscientes ou agitadores. Elle não se admirava; não se admirava de encontrar na vida aquillo que a sua noção o impedia de procurar.

— A consciencia, que enche as nossas existencias de amarguras, é por vezes uma colheita de materiais para a reflexão. E como se não pode possuir sem se ser possuido, porque nós amamos em nós próprios tudo o que amamos, o homem ironisa-se para se manter num pedestal onde brilha uma palavra: manha.

Desde o dia em que esse homem, buscando

horas divinas se iniciou na grande decepção, encontrando apenas horas crueis, toda a sua vida tendeu para o lamento. Toda a sua energia buscou o pretexto e não a protecção do contraste. A heroicidade é o sentimento mais popular porque é o mais accessivel aos imbecis.

Ora Canella que não dormia não se lamentava. Das plebes sahem os carrascos, os policias, os barbeiros...; são uteis portanto as plebes. Os tolos faziam-lhe realizar o prazer da sua ausencia; Canella louvou os tolos. O contraste era para elle o sal da vida.

D. Eva dormia.

*

* *

Era por uma manhã de sol, de domingo.

Canella acordou suavemente no leito, só, pois Dona Eva começára já lidando.

Dona Eva era perenne d'energia e prenhe de virtudes. Accumulava estas prendas volumosamente.

E, de roupão amplo, fazia tremer as suas carnes, imponentes d'antigas fecundidades.

Era para Canella um bem doméstico: cosinheira, enfermeira, carpinteira, modista e litterata.

Dona Eva não era como essas mulheres que nascem sem actividade e sem curiosidade.

Interessava-se por tudo, com barulho, porque o interesse para ella nunca podia ser silencioso.

A sua voz imperava no rumôr da cosinha.

Dona Eva era constructiva.

E se se vestia d'uma forma desoladora, era porque sómente a preoccupavam os ornamentos do espirito.

Canella pensava, comtudo, que o traje da mulher era uma graça para os olhos.

Pensava com gratidão que as mulheres se toucavam e se vestiam laboriosamente, para encantarem por vezes um curto instante sem futuro.

Canella celebrava intensamente e continuamente em si proprio as bodas da intelli-

gencia. Queria egualmente com ellas decorar um presente sem porvir.

Depois do almoço, Dona Eva, mastigando o palito, ficou-se instalada á meza, de sobrolho pesado e de penna em punho, a criticar esquivamente um livro para o seu semanario.

Canella morava na Penha de França, n'um terceiro andar com janellas sobre o panorama todo que rola desde esse monte, matizado de arvores, de casas e de ruas, e, que assim abundante d'existencias, se detem no valle onde, tal as aguas d'um rio seguem n'uma faixa continua os cimos das arvores d'Avenida.

Lá, corriam minusculamente os carros electricos sob os galhos frondosos.

Depois, começava subindo a outra vertente, facilmente; com o seu declive pesado de vidas, d'actividades; d'estabilidade. E, terminava em S. Pedro d'Alcantara, onde os terraços dominavam, com as palmeiras inertes, por entre o rubro das sardinheiras e o verde da folhagem.

O sol parecia um oiro pródigo e abundante cahindo sobre essa maravilha.

E assim como nós marcamos com as nossas acções a fuga dos dias, assim todas essas manifestações de vida: paredes, telhas, plantas, tinham para Canella as genuinas attracções d'uma presença que algum tempo permanece.

Mas, mesmo perante o bem de poder encontrar hoje aquillo que hontem deixàra; de olhar todas essas coisas familiares, n'um deleixo confortavel, o homem sentia a grande dôr da instabilidade; a tristeza de tudo que é fugace.

N'um cêsto, ao lado d'elle, um velho gato deixava-se morrer.

Fora uma presença de treze annos que elle pressentia sempre gostosamente; gostosamente, como depois d'uma longa vida se encontra novamente o luar, o sol, a chuva, o nevoeiro...

Esse animal, que junto d'elle vivera a sua pequena vida e que havia pouco ainda respondia á sua voz, como quem diz: vivemos, era agora o começo da morte.

Os seus olhos tinham já o mysterio que se

não sonda. Já não era o seu velho amigo; era um extranho.

E o homem, assim visinho da morte, como todos os vivos recebendo até os halitos dos agonisantes, não estava por isso mais perto d'ella.

Tampouco um astrónomo vendo a lua ao telescópio pode medir a distancia humana que o affasta.

Canella pensava na parenia do padre Vieira: — Que o céu era para Deus e a terra para os homens.

E Vieira fora um padre; mas, as acções do pensador descobrem mal o seu caracter, por mais que a arte as dissimule ou as disfarce a hypocrisia affectada.

Depois, quando o crepusculo se aproximou e nuvens inesperadas começaram abumbrando a terra, começou a surpreza das luzes, misturando-se com o folgor das vidraças onde resplandecia ainda um derradeiro e rubido raio de sol.

Dentro, sem melindre, com insuavidade, sua mulher, protestava contra o livro.

E Canella que era mendinho de graças, não podia calmal-a. Nem o somno conseguia emmudecel-a completamente.

Dona Eva era como Don Quijote meditando e discutindo as mais extravagantes loucuras com a maior seriedade.

Canella quiz negar a existencia de Dona Eva, novamente no leito por essa noite de domingo, ao lado d'ella. Continuou pensando:

—Assim como a melhor forma de vencer o pudor na mulher é pretendendo que ella o não tenha, porque este cahirá com a camisa, a melhor forma de vencer a asneira humana é negando a existencia d'esta.

Mas negar por obrigação é como tudo que foge á naturalidade: um cansaço, uma lucta.

E a imagem de D. Eva não fugia a Canella pelos impulsos da sua vontade.

Apparecia-lhe em sonhos, enojada, e disparatada, ao lado d'elle, n'uma attitude eterna que lhe negava toda a esperança, com os olhos accendidos de reprovação, com os labios palpitantes de commentario inopportuno.

E Canella queria despresar a mulher; mas, como? Se mesmo a dormir a sua presença era ruidosa?

Em vão lidavam os philosophos, dizendo que a felicidade era o corpo são e a alma livre.

Canella era detençoso de todas estas maximas mofentas e carinhosas, mas, solitariamente.

D. Eva nunca trahira Canella. Dizia-o, todos os dias, com energia.

Tampouco tivera ella abandonado Canella, o que era, egualmente para elle um successo d'uma continuidade inolvidavel.

Canella pensava que ella fizera peor ainda: não o conhecera.

E Canella adormeceu mais uma vez na vida.

UM AVISO

UM AVISO

Por quanto seja habito enumerar erratas no fim d'um livro que as contenha, resolveu-se tal não fazer aqui.

A existencia d'estas foi sómente uma inadvertencia, o que é um defeito desculpavel; uma tarda percepção do animo; não um descuido.

Se bem que, desde, em logar desde, e n'em em vez de nem, ou havia em vez de haviam, ou haviam em vez de havia sejam um desprazer para os olhos, porque as palavras têem como que uma architectura propria, limitamo-nos a deixarmo-nos ser o que são todos os auctores: infelizes.

E, como é voluntariamente que o somos: auctores, seria uma vergonha queixarmo-nos muito.

Mas, para epitomar a lista d'erros que seria lamentavelmente grande, e, para abreviar este aviso que poderia egualmente sel-o, diremos sobre os erros de ponctuação e d'hortographia:

Estes erros não existem para o leitor que os não encontre. Consequentemente, mostral-os seria accusar-lhe distracção; e, tal seria condemnavel.

Tampouco estes erros existirão para o leitor que d'elles faça abstracção, o que é appreciavel.

Sómente podem estes erros existir com facilidade para aquelles que encontrem, descobrindo-os, a unica distracção do livro, o que será mais uma virtude possivel do mesmo.

O revisor debruçado sobre as provas é tal a boa dona de casa, inspeccionando a sua roupa lavada, e, procurando n'ella aquillo que não deseja encontrar: os buracos.

Sejamos magnanimos para com todos os que trabalham.

INDICE